



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS**



João Pedro De Almeida Ribeiro

# **A UTILIZAÇÃO DOS JOGOS OLÍMPICOS MODERNOS COMO FERRAMENTA GEOPOLÍTICA**

Limeira  
2019



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS



João Pedro De Almeida Ribeiro

## **A UTILIZAÇÃO DOS JOGOS OLÍMPICOS MODERNOS COMO FERRAMENTA GEOPOLÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências do Esporte à Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Carlos Mazzei

Limeira  
2019

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicadas  
Renata Eleuterio da Silva - CRB 8/9281

R354u Ribeiro, João Pedro De Almeida, 1997-  
A utilização dos Jogos Olímpicos Modernos como ferramenta geopolítica /  
João Pedro De Almeida. – Limeira, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Leandro Carlos Mazzei.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas.

1. Jogos Olímpicos. 2. Olimpíadas. 3. Geopolítica. 4. História. 5. Esporte. I.  
Mazzei, Leandro Carlos, 1978-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade  
de Ciências Aplicadas. III. Título.

Informações adicionais, complementares

**Título em outro idioma:** The usage of Modern Olympic Games as a geopolitical tool

**Palavras-chave em inglês:**

Olympic Games

Olympics

Geopolitics

History

Sports

**Titulação:** Bacharel em Ciências do Esporte

**Banca examinadora:**

Larissa Rafaela Galatti

**Data de entrega do trabalho definitivo:** 26-11-2019

**Autor:** João Pedro De Almeida Ribeiro

**Título:** A Utilização dos Jogos Olímpicos Modernos como Ferramenta Geopolítica

**Natureza:** Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências do Esporte

**Instituição:** Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas

**Aprovado em:** 26 / 11 / 19.

### BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Leandro Carlos Mazzei – Presidente  
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)



---

Profa. Dra. Larissa Rafaela Galatti – Avaliador  
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

Este exemplar corresponde à versão final da monografia aprovada.



---

Prof. Dr. Leandro Carlos Mazzei - Orientador  
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

Dedico este trabalho a Wanderly José Manso De Almeida,  
meu querido avô.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha mãe e à minha família que me acompanharam e me deram todo apoio necessário durante toda a trajetória, sem vocês nada disso seria possível.

Agradeço aos professores da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Unicamp, por todo suporte e conhecimento compartilhado.

Agradeço também ao professor Leandro Mazzei que me orientou durante todo o processo.

Agradeço aos meus amigos e a todos que estiveram presentes em minha caminhada e compartilharam momentos especiais comigo, não cito nomes para que minha memória não seja injusta para com todos.

“Escapando das atrocidades da grandeza e das crueldades da miséria, em busca de  
simplicidade e da paz.”

- Wanderly José Manso De Almeida

DE ALMEIDA, João Pedro. A Utilização dos Jogos Olímpicos Modernos como Ferramenta Geopolítica. 2019. 79f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências do Esporte.) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2019.

## RESUMO

Em 1896, Pierre de Coubertin fundou os Jogos Olímpicos Modernos. O que a princípio seria uma competição universal e totalmente apolítica, segundo os princípios do Olimpismo, se tornou algo completamente oposto a isso. Conforme o torneio amadureceu e ganhou prestígio, governos perceberam os benefícios que poderiam obter ao sediarem uma edição dos Jogos, o que levou a uma exploração política cada vez mais frequente e indesejavelmente enraizada nas Olimpíadas. Os períodos das duas Grandes Guerras (1914-1945) e da Guerra Fria -que influenciou a segunda metade do século XX e o início do século XXI- ditaram e transformaram o cenário político mundial, refletindo diretamente na organização e na estruturação das Olimpíadas. Diversas evidências como artigos de jornais, livros e estudos, por exemplo, revelam a influência que tais eventos exerceram nos Jogos Olímpicos, demonstrando como a política e as Olimpíadas estão interligadas. Países que sediam a competição frequentemente buscam se promover através dos Jogos Olímpicos, principalmente por meio de propagandas. Assim, as olimpíadas são capazes de interferir, para bem ou para mal, nas políticas internas e externas de um país, se tornando, portanto, um artefato eficiente e útil no âmbito geopolítico. Este artigo se propõe a identificar e contextualizar a utilização dos Jogos Olímpicos como ferramenta geopolítica, ao analisar os casos das Olimpíadas de Berlim, Moscou, Los Angeles e Beijing e, então, interpretar como os países se beneficiaram ao sediar este megaevento esportivo.

**Palavras-chave:** Jogos Olímpicos; Olimpíadas; Geopolítica; História; Esporte.

DE ALMEIDA, João Pedro. The Usage of Modern Olympic Games as a Geopolitical Tool. 2019. 79f. Final Work (Undergraduate Sports Science) – School of Applied Sciences, University of Campinas. Limeira, 2019.

### **ABSTRACT**

In 1896, Pierre de Coubertin founded the Modern Olympic Games. What was planned to be a totally non-political and universal sports competition went on to become somehow the opposite. As the tournament matured and gained prestige, governments perceived the benefits one could have by hosting it, thus leading to a political exploitation which would become more frequent and unwillingly rooted in the Olympics. Both the Two Great Wars (1914-1945) and the Cold War period –which influenced the second half of the 20th century and the beginning of the 21st century– shaped and dictated the world's political scenario, directly reflecting in the organization and structure of the Olympics, as a whole. Various evidences, for example, newspaper articles, books and studies reveal the influence such major incidents had upon the Olympic Games, demonstrating how both of them are intertwined. Countries that host the competition often manage to promote themselves through the Olympic Games, mainly by means of propaganda. Therefore, the Olympics are capable of interfering, for good or bad, in a country's external and internal affairs, being recognized by governments as an efficient and useful geopolitical artefact. This article then proposes to identify and contextualize the usage of the Olympic Games as a geopolitical tool by analysing the Berlin, Moscow, Los Angeles and Beijing editions of the Olympics, and then interpreting how these countries managed to and benefited from hosting this sports mega-event.

**Keywords:** Olympic Games; Olympics; Geopolitics; History; Sports.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Mapa de todas as cidades que sediaram os Jogos Olímpicos Modernos de Verão e Inverno.....	3
Figura 2	Portão de Bradenburgo decorado com as bandeiras olímpica e nazista.....	10
Figura 3	Corredor carregando a tocha para acender a pira olímpica durante a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Berlim.....	18
Figura 4	Central de áudio do Olympiastadion.....	19
Figura 5	Fernsehkanonen (canhão de televisão).....	19
Figura 6	Sala de transmissão de televisão.....	19
Figura 7	Mosaico com o rosto de Lenin e coreografia da foice e martelo durante a cerimônia de abertura das Olimpíadas de Moscou, em 1980.....	23
Figura 8	Poster da mascote oficial, o Ursinho Misha.....	30
Figura 9	A lágrima do Ursinho Misha durante a cerimônia de encerramento.....	31
Figura 10	Cerimônia de abertura das Olimpíadas de Los Angeles, em 1984.....	35
Figura 11	Sam, a Águia Olímpica.....	37

Figura 12	Tio Sam.....	37
Figura 13	Charge ironizando a extrema comercialização dos Jogos de Los Angeles.....	39
Figura 14	Estádio Nacional de Beijing, popularmente conhecido como “Ninho do pássaro”.....	40
Figura 15	Atletas campeãs do Wushu receberam as medalhas olímpicas; atenta-se à fita com a inscrição Beijing 2008.....	44
Figura 16	Atleta de Wushu durante a competição.....	45
Figura 17	Presidente do COI, Jacques Rogge, entrega a medalha de ouro olímpica à atleta campeã de Wushu.....	46
Figura 18	Oficial chinês a frente do Estádio Nacional durante a cerimônia de abertura.....	47

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>AOC</b>	American Olympic Committee (Comitê Olímpico Americano)
<b>BOCOG</b>	Beijing Organizing Committee for the Olympic Games (Comitê Organizador para os Jogos Olímpicos de Beijing)
<b>COI</b>	Comitê Olímpico Internacional
<b>CON</b>	Comitê Olímpico Nacional
<b>CWA</b>	Chinese Wushu Association (Associação Chinesa de Wushu)
<b>EAA</b>	Esteroides Anabólicos-Androgênicos
<b>EUA</b>	Estados Unidos da América
<b>GOC</b>	Germany Olympic Committee (Comitê Olímpico Alemão)
<b>IFS</b>	International Sports Federation (Federação Internacional do Esportes)
<b>IOC</b>	International Olympic Committee
<b>IWUF</b>	International Wushu Federation (Federação Internacional de Wushu)
<b>KGB</b>	Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti (Comitê de Segurança do Estado)
<b>LAOOC</b>	Los Angeles Olympic Organizing Committee (Comitê Organizador das Olimpíadas de Los Angeles)
<b>NSDAP</b>	Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães/ Partido Nazista)
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas

<b>PCC</b>	Partido Comunista Chinês
<b>PCUS</b>	Partido Comunista da União Soviética
<b>PIB</b>	Produto Interno Bruto
<b>RMVP</b>	Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda (Ministério da Elucidação Pública e da Propaganda)
<b>RPC</b>	República Popular da China
<b>URSS</b>	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
<b>USOC</b>	United States Olympic Committee (Comitê Olímpico dos EUA)
<b>WADA</b>	World Anti-Doping Agency (Agência Mundial Anti-doping)
<b>WTO</b>	World Trade Organization (Organização Mundial do Comércio)

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
1.1	OBJETIVO.....	8
2	METODOLOGIA.....	9
3	RESULTADOS.....	11
3.1	JOGOS OLÍMPICOS DE BERLIM DE 1936.....	11
3.2	JOGOS OLÍMPICOS DE MOSCOU DE 1980.....	24
3.3	JOGOS OLÍMPICOS DE LOS ANGELES DE 1984.....	36
3.4	JOGOS OLÍMPICOS DE BEIJING DE 2008.....	41
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52

## 1 INTRODUÇÃO

Pierre de Frédy, comumente conhecido como Barão de Coubertin, é considerado o idealizador e fundador dos Jogos Olímpicos Modernos. O francês acreditava e defendia que o esporte e seus valores eram capazes de educar as pessoas, e propiciar uma boa formação aos cidadãos. E, além disso, Coubertin defendia que, através do esporte, os aspectos físicos também poderiam ser parte da formação humana, aspectos que, até então, eram praticamente ignorados pelo governo francês. Baseado no sistema de ensino inglês (que incluía o esporte em seu currículo anual), o pedagogo francês queria implementar a prática esportiva nos *lycées* franceses, pois essa, segundo ele, seria a receita para um melhor desenvolvimento educacional (WEBER, 1970).

Mais tarde, inspirado nos clássicos jogos de Olympia, da Grécia Antiga, Coubertin buscou recriar a famosa competição helênica, transformando-o no maior e mais prestigiado torneio esportivo da história moderna. Então, o Barão de Coubertin desenvolveu, em sua proposta de retomada das práticas existentes na antiguidade, uma filosofia social baseada em valores e virtudes, nomeados ideais olímpicos, do francês, *L'idée Olympique*. Nasce então, o Olimpismo, que segundo o Comitê Olímpico Internacional,

“é uma filosofia de vida, que exalta e combina em harmonia, todas as qualidades do corpo, da força de vontade e da mente. Misturando esporte com cultura e educação, o Olimpismo busca criar uma maneira de viver baseada no esforço, no valor educacional do bom exemplo, na responsabilidade social, e no respeito por princípios éticos universais e fundamentais”.

Logo, por meio das Olimpíadas e do Movimento Olímpico, busca-se “contribuir para construir um mundo pacífico, uma melhor educação para a juventude, por meio de esportes praticados em acordo com o Olimpismo e seus valores.” (IOC, 2019).

Dando sequência ao seu sonho de reviver as Olimpíadas, Pierre de Frédy, durante o Congresso sobre o Renascimento dos Jogos Olímpicos, e em conjunto com os setenta e oito delegados presentes, fundou em 1894, o Comitê Olímpico Internacional. Nesse mesmo congresso, realizado na Universidade de Sorbonne, na França, se estabeleceu a realização da primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era

Moderna. Foi decidido que, em 1896, a capital da Grécia, Atenas, seria sede da primeira edição do torneio, homenageando o país originário dos Jogos Olímpicos da Antiguidade (HIRTHLER, 2019).

O evento cresceu e, a cada edição, mais países participavam e outros tantos concorriam para sediá-lo. Em 1924, realizou-se na cidade de Chamonix, na França, a primeira competição internacional de desportos na neve e no gelo com o apoio do Comitê Olímpico. Devido ao seu enorme sucesso, durante o congresso do COI - realizado no ano seguinte na capital da então Tchecoslováquia, Praga- foi decidido que a Semana Internacional de Desportos na Neve de Chamonix seria oficializada como os primeiros Jogos Olímpicos de Inverno. A partir de então, o COI passou a distinguir oficialmente as edições entre Verão e Inverno, e ficou determinado que, sempre que possível, o país que sediasse a edição de Verão sediaria também a de Inverno. Somente em 1994 que se deixou de realizar as edições de Verão e Inverno no mesmo ano, que passaram a ser alternadas a cada dois anos (IOC, 2019).

Desde sua criação, em 1896, até o momento atual, quase todas as edições das Olimpíadas foram realizadas, com exceção de cinco eventos interrompidos devido às Grandes Guerras contextualizadas em aspectos globais. Ao todo, foram realizados vinte e cinco Jogos de Verão, e vinte e um Jogos de Inverno, totalizando quarenta e seis edições. Dentre todas, vinte e nove foram sediadas no continente europeu, treze no continente americano (sendo oito delas só nos Estados Unidos), quatro no continente asiático, duas edições na Oceania -ambas na Austrália- e nenhuma no continente africano (IOC, 2019). Isso indica que o esporte olímpico manifesta a lógica econômica e geopolítica da humanidade (SALVADOR, 2004, apud RUBIO, 2010). Curiosamente, só em 1964 e 1972, nas edições de Verão e Inverno, respectivamente, que os Jogos Olímpicos deixaram finalmente o eixo Europa-Estados Unidos para serem sediados no Japão. É possível observar tal prevalência na Figura 1, que indica os locais onde foram realizadas todas as edições dos Jogos Olímpicos até 2016.

De fato, o esporte moderno tem sido usado como ferramenta política, e com os Jogos Olímpicos não foi e nem é diferente. O jogo de interesses das grandes nações influencia até hoje a maior competição esportiva do planeta, evidenciando a capacidade que o esporte tem de manipular e ser também influenciado pela geopolítica mundial. No século XX, com a retomada do espírito olímpico, inúmeros governos e sistemas políticos perceberam a influência que esta

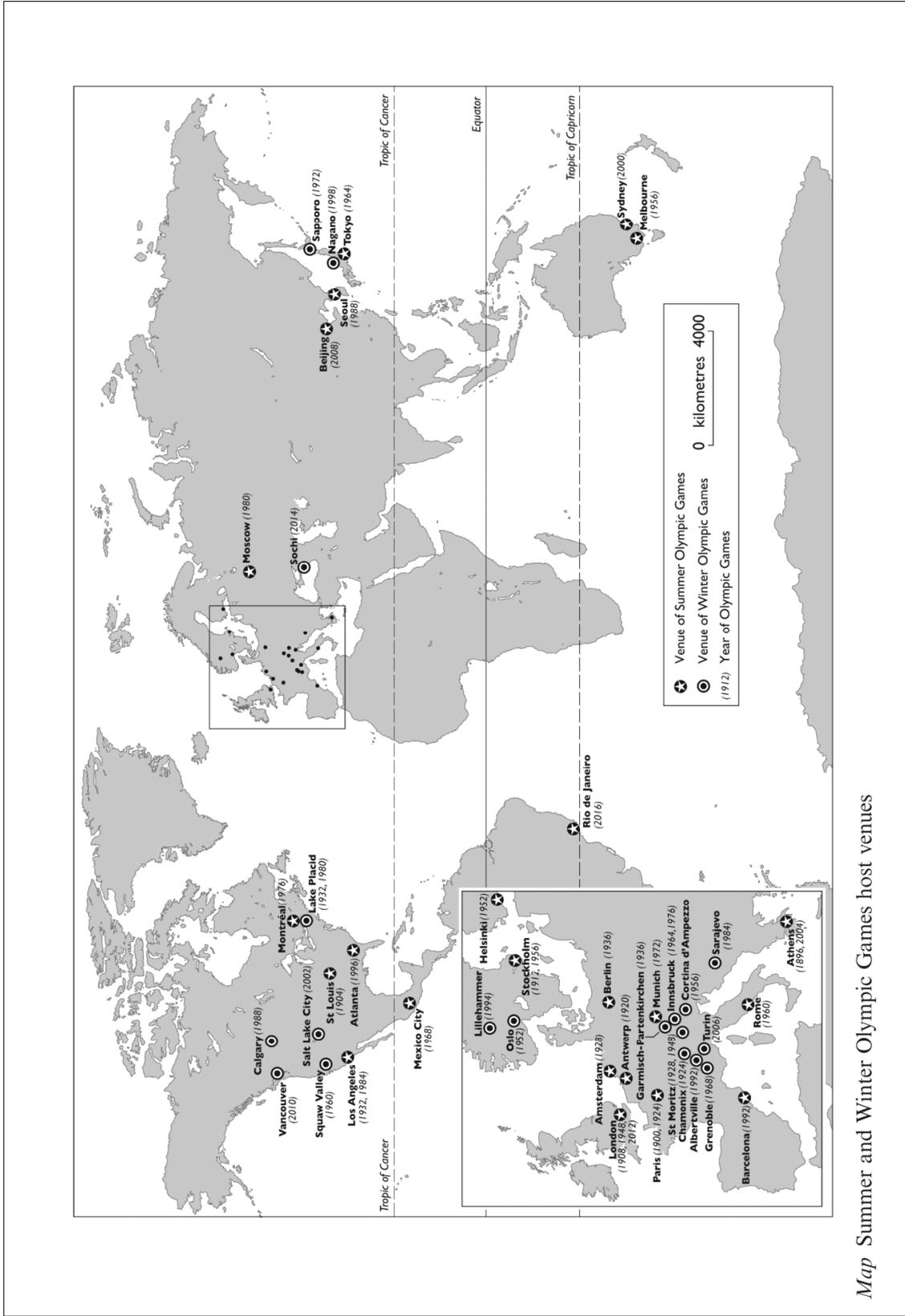


Figura 1 – Mapa de todas as cidades que sediaram os Jogos Olímpicos Modernos de Verão e Inverno.  
 Fonte: Bairner e Molnar (2010)

tem sobre as pessoas (HAZAN, 1982), e então, passaram a enxergar as Olimpíadas como uma ferramenta de propaganda política eficiente. A fim de divulgar e reforçar uma ideologia e/ou poderio econômico, os países buscam exaltar sua superioridade ao relacioná-la à organização deste megaevento e, principalmente, aos resultados esportivos nele conquistados.

Em suma, os países entendem que, por meio do êxito esportivo e da organização dos megaeventos, conquistar-se-iam estima e notoriedade diplomática na comunidade internacional, bem como fomento de movimentos ufanistas e o enaltecimento da identidade nacional, além de uma propaganda eficiente a respeito do desenvolvimento interno do país (GREEN; HOULIHAN, 2005; BERGSGARD et al, 2007; HOULIHAN; GREEN, 2008).

No artigo, *Mapping the Relationship Between International Sport and Diplomacy*, Murray e Pigman (2013) discorrem a respeito do uso diplomático do esporte. Segundo os autores, o esporte é uma ferramenta diplomática valiosa, utilizada desde os tempos mais antigos até a hodiernidade. Atualmente, autoridades de todo o globo têm plena consciência da eficácia que o esporte tem em solucionar impasses diplomáticos e situações relacionadas à política externa, reduzir tensões políticas (sejam elas externas ou internas) além aproximar países e culturas. O esporte propicia a criação de canais diplomáticos permitindo que as nações tenham a oportunidade de dialogar entre si, uma vez que, em situações convencionais, não a teriam. Não obstante, os governos também se aproveitam do esporte para assuntos internos fim de manipular a opinião pública, e tornar a população mais suscetível a aceitar ações governamentais relacionadas a políticas internas ou até mesmo externas, como por exemplo, entre países que possuem relações hostis com outras nações; ou reforçar e reavivar uma identidade nacional.

Em *Politics and Sport*, Houlihan (2016) afirma que existem dois nichos que correlacionam esporte à política: Política **e** Esporte; e Política **no** Esporte. O primeiro diz respeito ao uso que os governos, democráticos ou não, fazem do esporte e, à forma que planejam e implementam políticas públicas. Já Política **no** Esporte se refere a toda forma de política nele inserida -exercida pelas Federações, por exemplo- que não difere as esferas públicas das privadas, e que trata a política como um aspecto omnipresente de todas as relações e instituições sociais.

Em suma, enquanto um compreende a forma com a qual a política utiliza o esporte em seu benefício, o outro assimila a política dentro do âmbito esportivo à política inerente ao esporte e às suas organizações.

Existem quatro principais motivos que, justificam o interesse e envolvimento Estatal no esporte, e conseqüentemente, em megaeventos esportivos. São eles: proteger os interesses dos atletas, espectadores, ou da indústria esportiva; uso do esporte para regeneração e desenvolvimento econômico; uso do esporte para atingir maior controle e integração social; utilização do esporte como ferramenta diplomática (HOULIHAN, 2016). Além desses citados, o esporte ainda é capaz de promover o bem-estar social e a educação. Todos esses motivos possuem finalidades políticas que ajudam a entender quais são as verdadeiras finalidades por trás das ações governamentais, e a maneira como atendem as necessidades e intenções das nações que buscam beneficiar-se do esporte.

No início da década de 70, os Estados Unidos (EUA) e a China foram protagonistas de um caso interessante que salienta a inclinação diplomática que o esporte tem: a famosa Diplomacia do Ping-Pong (*Ping-Pong Diplomacy*). Em seu artigo, *Communist China: Sport, Politics and Diplomacy*, publicado no Jornal Internacional de História do Esporte, Fan Hong e Xiong Xiaozheng relatam os acontecimentos que levaram a reaproximação dos EUA e da China, através do tênis de mesa. Mao Zedong, então presidente da República Popular da China (RPC), buscava reatar as relações externas do país e encontrou no convite para participação do trigésimo primeiro Campeonato Mundial de Tênis de Mesa a oportunidade para isso.

Segundo os autores, Mao definiu previamente os objetivos daquela participação: amizade primeiro, competição em segundo. Além disso, ainda instruiu aos atletas chineses que, caso competissem contra os EUA, não trocassem bandeiras, mas apertassem as mãos; e que não fizessem o primeiro contato com atletas americanos, mas que, caso iniciassem contato, não recusassem se comunicar. Ficaram claros os objetivos e motivos da presença da delegação chinesa naquele campeonato. Após o fim do campeonato mundial, a China convidou os EUA a visitarem o país, que aceitaram o convite. Imediatamente, os americanos retribuíram o gesto. É importante destacar que, a utilização do esporte como instrumento diplomático (Diplomacia do Ping-Pong, neste caso) foi essencial para que se desenvolvesse uma opinião pública favorável à reconciliação entre China e

EUA. Assim, por intermédio do esporte, iniciou-se a reaproximação dos dois países, além da reintegração chinesa à comunidade internacional. Tais eventos não só comprovam, como também escancaram, a natureza geopolítica empregada ao esporte.

Assim, uma parte importante desse trabalho é a relação que esporte tem com a geopolítica. O termo, “Geopolítica”, foi utilizado pela primeira vez pelo cientista político sueco, Johan Rudolf Kjéllen, no ano de 1899. Para Kjéllen, a geopolítica se definia em conhecimentos a respeito da relação entre o território e a política, onde o Estado era considerado um organismo vivo, e os territórios pertencentes a ele ou não, órgãos vitais, que deveriam ser defendidos ou conquistados. (Ó TUATHAIL; DALBY; ROUTLEDGE, 1998).

Vinte anos mais tarde, em 1919, Sir Halford MacKinder, por meio de seu livro, *Democratic Ideals and Reality*, foi o primeiro a vincular o conhecimento geográfico às ações políticas (THORNDIKE JR., 1943). Mackinder atribui características territoriais e estratégias militares e políticas ao sucesso da nação, exaltando a importância da geopolítica. É importante lembrar que MacKinder estava inserido no contexto do período entreguerras mundiais, o que se permite entender com clareza suas proposições, ainda aceitas nos dias de hoje.

Nesse mesmo período entreguerras, outro estudioso se aprofundava na área da geopolítica, o então major e professor da universidade de Munique, Karl Haushofer. Inspirado pelos ideais de Rudolf Kjéllen, Halford MacKinder, Friedrich Ratzel (COHEN, 2003), o geógrafo alemão desenvolveu o que chamou de Geopolitik. Segundo Haushofer, a Geopolitik seria “o dever de se proteger o direito ao solo, à terra no sentido mais amplo, não só a terra dentro das fronteiras do Reich, mas o direito às mais extensivas terras folclóricas e culturais.” (HAUSHOFER, 1935, apud WALSH, 1949).

Fiel ao conceito de *Lebensraum*, de Ratzel, Haushofer ganhou notoriedade na emergente Alemanha nazista, uma vez que seus conceitos iam de encontro ao que o partido nazista idealizava. A Geopolitik de Haushofer guarneceu a base científica para que o partido nazista pudesse executar sua revolução nacionalista, e também justificar o *Lebensraum* nazi, “que levará esse povo [alemão], de seu atual espaço vital restrito às novas terras e solos” (HITLER, 1925), sendo usada inclusive como base para manobras militares (THORNDIKE JR., 1943). A partir de Karl Haushofer e

da Alemanha nazista, a geopolítica se tornou uma ciência prática e aplicável, capaz de ditar e justificar ações e políticas de um Estado, sejam elas internas ou externas.

Após a queda do Terceiro Reich e com o surgimento do mundo bi-polarizado, a geopolítica foi mais uma vez ressignificada. Ao contrário do que fez o governo nazista, a geopolítica não foi utilizada para ações raciais e militares. Agora, eram exigidas melhores e maiores manobras e articulações diplomáticas, para que uma das duas grandes potências mundiais pudesse reivindicar o título de nação mais poderosa. A geopolítica foi então utilizada para descrever a disputa por zonas de influência e controle, além de recursos estratégicos ao redor do globo, entre os Estados Unidos e a União Soviética (Ó TUATHAIL; DALBY; ROUTLEDGE, 1998).

Percebe-se então que a geopolítica, não é fácil de definir, uma vez que ela tende a variar de acordo com o momento histórico e político no qual está inserida. Para melhor entender a geopolítica, é necessário que se faça em aquiescência com o contexto discursivo e histórico do período que se deseja estudar e analisar (Ó TUATHAIL; DALBY; ROUTLEDGE, 1998).

Resumidamente e finalizando essa introdução, as Olimpíadas passaram a ser entendidas como eficientes veículos de propaganda para nações que desejam aumentar sua esfera de influência (PIPERNO, 2016), sejam em termos diplomáticos, de política internacional ou até ideológicos, em abrangência interna e externa. Isso evidencia seu potencial como ferramenta geopolítica, provando-se úteis para qualquer nação.

Assim, o objetivo deste trabalho será estudar e analisar a maneira com a qual alguns países que sediaram dos Jogos Olímpicos Modernos utilizaram-no como ferramenta geopolítica.

Desde pequeno, muito por influência do meu avô, me interesseo pelas disciplinas de História, Geografia e Política, além do Esporte. Assim, o tema proposto engloba todas as áreas as quais mais me identifico, o que permitiu a realização de um trabalho prazeroso e, ao mesmo tempo, detalhado.

## **1.1 OBJETIVO**

Este trabalho tem como objetivo estudar e analisar a maneira com a qual alguns países que sediaram os Jogos Olímpicos Modernos utilizaram-no como ferramenta geopolítica, levando em consideração os períodos históricos em que foram realizados. Dessa forma, foi possível analisar o uso das Olimpíadas como ferramenta geopolítica em concordância com momentos históricos marcantes, previamente estabelecidos.

## 2 METODOLOGIA

Para a realização desse estudo foi feita uma pesquisa qualitativa, que teve como característica uma análise documental. Definiram-se três períodos históricos principais: a primeira metade do século XX - marcado pelas grandes guerras; a segunda metade do século XX – marcado pela Guerra Fria; e o início do século XXI – o mundo multipolarizado. A partir desses períodos foram escolhidas três edições dos Jogos Olímpicos que melhor representassem cada uma das épocas pré-estabelecidas e que se enquadrassem dentro do seguinte critério: a relevância geopolítica que cada edição teve para o país sede nos determinados momentos históricos. Assim, definiram-se quatro edições dos Jogos Olímpicos, foram elas: XI em Berlim, 1936 (período marcado pelas grandes guerras); XXII em Moscou, 1980 e XXIII em Los Angeles, 1984 (período da segunda metade do século XX, marcado pela Guerra Fria); XXIX em Beijing, 2008 (período do início do século XXI, o mundo multipolarizado).

Para levantar as informações sobre o uso geopolítico dos Jogos Olímpicos por parte de países sede, foram utilizados livros, documentários em vídeo, artigos científicos, jornais nacionais e internacionais, além de relatos e registros históricos que comprovassem a influência da geopolítica internacional nas Olimpíadas Modernas, a fim de expor as articulações diplomáticas e políticas realizadas em edições passadas, destacando a natureza de várias decisões, manobras e ações de natureza geopolítica, as quais os Jogos Olímpicos estão envolvidos. Destacam-se alguns exemplos: inúmeros artigos jornalísticos publicados por veículos internacionais, a exemplo do *The New York Times*; livros e artigos científicos que abordam o tema da geopolítica e sua transformação ao longo dos anos; outros que abordam a forma que os governos enxergam as grandes competições esportivas, como as utilizam e quais suas intenções. É importante salientar que o embasamento teórico não se limitou a referências nacionais, pelo contrário, a grande maioria das referências é internacional, publicadas em outras línguas, como o inglês. Desta forma, a escolha e utilização dos materiais tiveram uma lógica de análise documental, sendo os materiais definidos por conveniência e a partir do tema deles abordados, no caso, alguma das edições dos Jogos Olímpicos mencionadas acima. A análise dos dados se deu de forma qualitativa, através de uma análise documental, com um tratamento não analítico, ou seja, os documentos não foram

analisados ou sistematizados. Por outro lado, os documentos citados acima foram apreciados para que se extraíssem conceitos, percepções, informações e interpretações sobre os eventos estudados (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015).

### 3 RESULTADOS

#### 3.1 XI Jogos Olímpicos de Berlim de 1936



**Figura 2** - Portão de Bradenburgo decorado com as bandeiras olímpica e nazista.  
**Fonte:** Given (2016)

Em 1931, na vigésima nona sessão do COI, os membros do Comitê escolheram Berlim como sede da décima primeira Olimpíada da era moderna. Além de Berlim, Barcelona também havia se candidatado, mas foi preterida -muito provavelmente devido à instabilidade política que caracterizava a Segunda República Espanhola. Portanto, Berlim venceu a disputa por uma diferença de 33 votos. (VERNIK, 2013).

No ano em que sua capital foi escolhida como sede dos Jogos Olímpicos, a Alemanha e a Europa ainda se reconstruíam da Primeira Guerra. A situação instaurada no continente era caótica, a economia dos países europeus estava destruída e, na Alemanha, o impacto era ainda maior. As consequências da guerra arrasavam o país que sofreu ainda um bloqueio naval que impedia a chegada de suprimentos à nação alemã. Em novembro de 1918, quando declarado o armistício,

iniciaram-se as negociações do acordo de paz, e o embargo marítimo tinha como objetivo forçar a nação alemã a assinar o que estava sendo negociado e proposto pelos Aliados. Mais de setecentos mil civis morreram em decorrência do bloqueio. Em 28 de junho de 1919, foi assinado o que ficou conhecido como Tratado de Versailles (SIMKIN, 1997).

A Alemanha que então fora arrasada pela guerra e pela fome, agora sofria com as duras exigências do acordo. Os alemães perderam 13% de seu território e todas as suas colônias mundo afora, além disso, foram culpados pela guerra e obrigados a pagar, na época, 6,6 bilhões de libras em indenizações e reduzir drasticamente sua indústria (FÜRSTENAU, 2019). As demandas abusivas do Tratado enfureceram o povo alemão que passou a cultivar um sentimento de raiva para com o estrangeiro.

Segundo Conze, o partido nazista (NSDAP) percebeu a oportunidade de utilizar em seu favor a insatisfação do povo alemão para com o Tratado de Versailles e soube explorá-lo a fim de se fortalecer e tomar o poder (apud FÜRSTENAU, 2019). Para o partido de extrema direita, os responsáveis pelas sanções impostas à Alemanha eram os representantes da recém-formada República de Weimar, portanto, os culpavam por terem aceitado os termos abusivos do Tratado. A acusação repercutiu por toda Alemanha e ganhou notoriedade, já que a população estava extremamente inconformada com o tal acordo.

Em 1929, a Grande Depressão interrompeu a recuperação do Estado alemão. Com a interrupção dos empréstimos americanos aos empresários alemães, a economia praticamente entrou em colapso. Altos índices de desemprego e falência de empresas assolavam o país, o que deixou toda a população em desespero. Enquanto o atual governo e os principais partidos não anunciavam medidas que pudessem reavivar a economia alemã e salvar a nação da crise, o partido nazista se apresentava como salvador (BECK et al, 2005).

Em setembro de 1930, o partido recebeu 18,3% dos votos nas eleições do parlamento alemão, o *Reichstag*. Isso fez com que o NSDAP se estabelecesse como uma das principais forças políticas no país. Dois anos depois, os nazistas já eram maioria no *Reichstagsgebäude* (nome do local onde se reuniam os integrantes do parlamento). Devido às insatisfações populares com o governo e o receio de que a crescente onda do movimento comunista pudesse chegar à Alemanha, vários políticos e empresários influentes acreditavam que poderiam usar a influência que o

partido nazista tinha em prol de seus interesses. Então, recomendaram ao presidente, Paul von Hindenburg, que nomeasse o líder do partido nazista, Adolf Hitler, Chanceler. Assim, em janeiro de 1933, Hitler chegava ao poder (BECK et al, 2005).

No dia 27 de fevereiro, o parlamento alemão ardeu em chamas. As investigações internas apontavam os comunistas como culpados pelo incidente. Então, no dia seguinte, com a justificativa de proteger a sociedade alemã da ameaça comunista, o presidente Hindenburg, pressionado por outros integrantes do governo, aprovou o Decreto do Presidente do Reich para a Proteção do Povo e do Estado, popularmente conhecido como o Decreto do Incêndio do *Reichstag*. Composto por seis artigos, o decreto suspendeu os direitos e liberdades civis e deu poder total ao governo, que já era majoritariamente nazista, permitindo prisões sem quaisquer julgamentos e por quaisquer motivos, bastava desagradar os governantes (ÖNB, 2011). Quase um mês depois, o parlamento e o presidente alemão aprovaram a *Ermächtigungsgesetz*, em português: Lei de Concessão de Plenos Poderes, que deu poder absoluto a Adolf Hitler. Em um de seus seis artigos, a lei permitia que o o Chanceler aprovasse leis e decretos sem a necessidade de que fossem ratificadas pelo parlamento, ou seja, o *Reichstag* tornava-se obsoleto e o poder encontrava-se centralizado nas mãos de Hitler. Ambas as leis permitiram o estabelecimento e a legitimação da ditadura nazista já que davam total e incontestável poder a Hitler, e foram aprovadas dentro dos termos da Lei. Assim, foi instaurada a Alemanha nazista (BECK et al, 2005).

Berlim já havia sido elegida para sediar as próximas Olimpíadas, e, apesar do receio generalizado em relação ao governo nazista, o COI decidiu cumprir o que havia sido acordado em 1931, e manteve a capital alemã como sede dos Jogos de 1936. Muitos veículos internacionais debatiam a realização dos Jogos Olímpicos em Berlim, e criticavam o fato de que o regime autoritário -que agora comandava o país- era extremamente racista, algo que ia totalmente contra os princípios do Olimpismo, da Carta Olímpica e da universalidade do esporte, conceitos e diretrizes que embasam o Movimento Olímpico. Após a publicação do jornal oficial do partido nazista, *Volkischer Beobater*, praticamente ordenando ao comitê organizador que proibisse a participação de atletas negros, a repercussão e as críticas se tornaram ainda mais acentuadas (VON TUNZELMANN, 2012). A publicação racista do jornal alemão inflamou os protestos e levou ao surgimento do primeiro movimento de

boicote da história dos Jogos Olímpicos. Representantes judeus nos Estados Unidos postulavam que a sede fosse mudada para outra cidade.

Um repórter do Baltimore Jewish Times pediu, inclusive, ao presidente do AOC (que mais tarde se tornaria o USOC), Avery Brundage, que declarasse apoio ao movimento de boicote dos Jogos (GOTTLIEB, 1972). Porém, Brundage era extremamente contra o câmbio de sedes, e via tais demandas como parte de um plano para sabotar a organização olímpica. Preocupados com toda a repercussão negativa, os alemães publicaram em nota oficial, que competidores de todas as "raças" seriam bem-vindos, no entanto, afirmaram que a convocação do time olímpico alemão dizia respeito somente à Alemanha. O presidente do COI, Henri Baillet-Latour, acreditava que o Comitê não deveria tomar partido em assuntos políticos, exceto se envolvessem o comunismo, pois acreditava que era necessário proteger o Movimento Olímpico da "ameaça comunista".

Dessa forma, Baillet-Latour simpatizava com o atual governo alemão. Em outra oportunidade declarou, ao próprio Barão de Coubertin (que faleceu em 1937), que os nazistas tinham planos e métodos efetivos, ao contrário do resto da Europa, que desmoronava. Apesar disso, via o racismo explícito do NSDAP como uma ameaça aos princípios olímpicos, porém acreditava que se ficassem restritos aos assuntos internos da Alemanha, então não haveria motivo para uma intervenção do COI. Isso mostra como o Comitê Internacional era brando para com questões políticas e nacionais, já que as Olimpíadas ainda estavam se consolidando como um megaevento esportivo (RUBIO 2007; 2010).

Theodor Lewald presidia o Comitê Organizador Alemão para os Décimo Primeiro Jogos Olímpicos (GOC), criado poucos dias antes da ascensão de Hitler ao poder (GAVIN, 2001). No entanto, mesmo antes dos nazistas assumirem o governo, Lewald já não tinha boa reputação entre eles, já que não era ariano, segundo os critérios do governo antissemita. Poucos meses após chegarem ao poder, os nazistas passaram a demandar que o presidente fosse retirado do cargo porque não se enquadrava no parágrafo terceiro da Lei de Restauração do Serviço Civil Profissional (USHMM, 2019). Em carta enviada à Hitler, Lewald disse que não deveria ser removido do cargo principal, caso o governo desejasse que fossem mantidos os Jogos em Berlim. Apesar do esforço, o presidente do GOC foi rebaixado ao cargo de conselheiro. E, assim como havia previsto, o COI contactou Hitler, dizendo-lhe que os oficiais olímpicos da Alemanha respondiam ao Comitê e

não ao governo alemão, ressaltando que caso isso não fosse respeitado, Berlim deveria então retirar-se como sede. Lewald foi readmitido pouco depois com a condição de que, enquanto o Comitê Organizador se reportava ao COI, deveria também se reportar ao Ministério do Interior (LARGE, 2007).

Em reunião com o Führer, que também contou com a presença de Joseph Goebbels e Wilhelm Frick (Ministro do Interior), Lewald buscava ganhar a confiança e a aprovação dos líderes alemães, pois assim poderia prosseguir com os planos que tinha para a décima primeira edição dos Jogos, e mantê-la longe das influências ideológicas que poderiam acometê-los. No entanto, o que aconteceu foi exatamente o contrário. Ao tentar convencer os líderes do governo que as Olimpíadas eram excelentes para o país, Lewald exaltou seu gigantesco poder de divulgação. Ele disse aos líderes que nenhum outro evento sequer se equipararia ao valor propagandístico dos Jogos Olímpicos de Verão, destacando a presença de mais de mil jornalistas de todo o mundo. Ademais, o presidente do GOC se comprometeu a incentivar o nacionalismo, e a transformar a juventude alemã em uma raça aguerrida, e em troca pediu que o Ministro da Propaganda promovesse os Jogos. Goebbels então criou um departamento dentro do ministério especificamente para a divulgação do torneio, que seria comandado pessoalmente pelo ministro (LARGE, 2007).

A despeito de toda a rejeição que sofrera, o presidente do GOC foi uma figura importantíssima para o sucesso político das Olimpíadas de 1936, ainda que não tivesse motivações políticas, já que desejava realizar uma excelente competição esportiva e não uma asserção de superioridade ideológica e governamental. O governo nazista tratava as Olimpíadas com extrema importância, para eles não era possível distanciar-se da organização do evento. Dessa forma, o GOC nunca foi realmente independente do governo, destacando a manipulação constante e consciente dos Jogos Olímpicos direcionada a fins geopolíticos, destacando-se a promoção da ideologia nazista.

As Olimpíadas de Berlim foram pioneiras em diversos aspectos, dentre eles o enorme investimento na organização do torneio que só seriam superados em Roma, vinte e quatro anos depois. Os custos com infraestrutura foram estimados por Lewald em cinco milhões de Reichsmarks, destinados à reforma e à construção das mais modernas instalações esportivas até então. Além dos vinte e dois centros onde os Jogos transcorreriam, incluindo o enorme complexo esportivo *Reich Sportsfeld*,

era necessária uma vila olímpica capaz de abrigar todos os atletas e técnicos. E é claro, todas as instalações deveriam estar de acordo com as expectativas e padrões do governo nazista para comportar as quarenta e nove nações e quase quatro mil atletas presentes em Berlim, os maiores números até então. Pelos investimentos terem sido, em sua esmagadora maioria, Estatais e por se tratar de um regime autoritário, os valores exatos e oficiais nunca foram divulgados. Entretanto, estima-se que foram gastos 30 milhões de dólares na época, que equivalem a quase 542 milhões de dólares hoje em dia. Ainda assim, os lucros administrativos ultrapassaram os 13 milhões de dólares, na cotação atual. (LARGE, 2007; ZARNOWSKI, 1993) Todo esse investimento se via justificado pelo retorno positivo que teriam.

As Olimpíadas não tinham uma boa reputação entre os ultraconservadores do NSDAP. A maioria as via como um ultraje ao povo alemão, que se rebaixava ao competir contra "raças" por eles julgadas inferiores. Porém, quando o partido nazista assumiu o poder em 1933, a opinião para com os Jogos começou a mudar. Adolf Hitler e Joseph Goebbels vislumbraram na manutenção de Berlim como sede olímpica de 1936, uma oportunidade sem precedentes. Para o Terceiro Reich, os Jogos Olímpicos seriam a vitrine de uma nova e poderosa Alemanha, já que poderiam ser demasiadamente proveitosos para reforçar a ideologia nazista dentro do país, mostrar ao mundo a superioridade da "raça" ariana e a força da nação. (MANVELL; FRAENKEL, 2010) Em outra ocasião, Bruno Malitz, autoridade esportiva da SA (grupo paramilitar nazista de Berlim), declarou: "Para nós nazistas, a política pertence ao esporte - primeiro, porque a política guia tudo e segundo porque a política é inerente ao esporte." (LARGE, 2007).

Segundo Cottrell & Nelson (2010), nações emergentes utilizam os Jogos Olímpicos Modernos para demonstrar seu poder aos outros países, além de tirar proveito das oportunidades diplomáticas que acompanham o papel de sediar a competição. Ademais, os nazistas associavam o esporte à guerra, enxergavam a vitória dos atletas alemães sobre atletas de outros países europeus como vitórias no campo de batalha (LARGE, 2007).

Para o governo alemão, a propaganda era um assunto de grande valia, tratada com muita seriedade. Por conseguinte, em 14 de março de 1933, foi criado o Ministério da Elucidação Pública e da Propaganda ou RMVP, responsável por divulgar, enaltecer, aplicar e reforçar a ideologia nazista (THACKER, 2009).

Nomeado ministro desse importantíssimo órgão do governo fascista, Joseph Goebbels o comandou com destreza. As habilidades manipulativas e propagandísticas do ministro também objetivavam o controle de todos os aspectos culturais e intelectuais da população (LONGERICH, 2015), dessa forma, não haveria oposição ao regime fascista. Suas manobras publicistas renderam uma aprovação popular enorme ao recém-formado governo e pretendiam ostentar às outras nações europeias este apoio viril, unânime e incondicional do povo alemão ao regime nazista (EVANS, 2006).

Em fevereiro de 1936, a terceira edição dos Jogos Olímpicos de Inverno também foi sediada na Alemanha e serviu como um ensaio geral para um maior e mais grandioso evento que seriam os Jogos Olímpicos de Verão, em agosto do mesmo ano. O Ministro da Propaganda orquestrou toda a apresentação das Olimpíadas (THACKER, 2009). Com a finalidade de construir uma imagem positiva da Alemanha nazista, os organizadores convidaram várias figuras influentes da época -dignitários e celebridades, por exemplo- a comparecerem aos Jogos Olímpicos. Com isso, esperavam tornar a estadia dos convidados na Alemanha tão agradável que, após experimentarem e observarem como a nação realmente era, eles influenciariam a opinião estrangeira a favor dos nazistas ao retornarem para seus países. Além disso, Hitler, Goebbles, Göring (Ministro sem pasta, Ministro do Interior da Prússia e fundador da Gestapo) e von Ribbentrop (Ministro das Relações Exteriores) viram nas Olimpíadas uma ocasião conveniente para a diplomacia: desejavam estreitar as relações com o Reino Unido. Para eles, era possível convencer políticos influentes de que as duas nações deveriam ser aliadas. Então, os líderes nazistas acompanharam o diplomata britânico Vansittart em sua visita à Berlim, e tentaram persuadi-lo e convencê-lo do quão bom uma aliança seria para ambos os países. Porém, o diplomata inglês pouco se animou com a proposta (LARGE, 2007).

Durante as Olimpíadas a ditadura nazista reduziu a perseguição àqueles considerados danosos à sociedade, assim como as propagandas racistas e antisemitas. Porém, o fato de que os forasteiros não presenciaram nenhuma ou pouca ação opressora não significou que haviam acabado, pelo contrário, estavam mais rígidas. No entanto, essas ações haviam sido mascaradas, necessitavam mostrar ao mundo uma imagem agradável, próspera e perfeita da Alemanha nazista, ao invés da obscura realidade: um país opressor governado por um grupo fascista,

racista, extremista e genocida que impunha sua ideologia à nação com o advento da força e manipulação.

Pouco antes da abertura do evento, o antissemitismo continuava vigente, os judeus e outros grupos sociais considerados inimigos do governo eram cada vez mais privados de seus direitos, se desejava tornar Berlim mais "agradável" aos olhos dos visitantes. Para tanto, o campo de trabalho forçado, *Sachsenhausen*, foi inaugurado nos arredores de Berlim. Ali seriam levados inimigos políticos do Reich, bem como pessoas consideradas "associais", ou seja, homossexuais, prostitutas independentes e moradores de rua. Mas o local não tinha capacidade suficiente para todos, então os detidos foram encaminhados a outras facilidades que funcionavam como prisões disfarçadas. Em junho de 1936, mais de mil e quatrocentas pessoas já viviam confinadas nesses locais. Além dos já citados, outro grupo incomodava muito os fascistas alemães, os ciganos. Os acampamentos onde moravam eram considerados lugares indecorosos pelo governo, sendo as Olimpíadas a perfeita justificativa para movê-los aos campos de detenção (LARGE, 2007).

Então, lançaram uma investida contra todas as pessoas que julgavam degeneradas ("pessoas inferiores"), desejavam construir uma imagem quase utópica -nos padrões nazistas- da sociedade alemã, ou seja, "limpa", segura, socialmente agradável e sem quaisquer falhas morais. Foi ordenado que se retirassem de Berlim todos os panfletos e cartazes que contivessem mensagens racistas e antissemitas, queriam que os visitantes que viessem para os Jogos experimentassem uma Berlim pacífica, amigável, charmosa. Assim, relacionariam a cidade ao regime Nazista, o trazendo-o uma imagem positiva e auspiciosa (LARGE, 2007). A verdade é que, durante os Jogos, o regime conduziu os espectadores e a comunidade internacional a pensar que não havia nem haveria perseguição ou ações opressoras como a imprensa internacional noticiava, no entanto, após o findar do evento, os extremistas deram sequência a um dos maiores genocídios da história.

Logo na abertura, o presidente do GOC, Theodor Lewald, disse que, no momento em que a tocha (que foi trazida ao *Olimpiastadion* por um jovem "ariano" alemão) acendesse a pira olímpica, estaria estabelecida a conexão real e espiritual entre o povo alemão e os antigos gregos fundadores das Olimpíadas, descendentes da "raça ariana". O revezamento da Tocha Olímpica, de Olímpia até a cidade sede, foi realizado pela primeira vez nessa edição, que trouxe desde a Grécia a chama para que se acendesse a pira. Tudo muito cinematográfico e espetacular, como é

possível observar nas Figuras 2 e 3. Apesar dos desejos do COI de que o Hino Olímpico da edição anterior fosse usado, o governo alemão insistiu que um novo fosse escrito exclusivamente para Berlim. Após um concurso público, foi escolhida a letra do hino que deveria ser a mais patriótica possível. Algumas correções foram feitas pelo Ministério da Propaganda, afim de torna-lo patriótico o suficiente. Dentre as muitas, destaca-se, "Seja a Paz o slogan dos Jogos" para "Seja a Honra o slogan dos Jogos". Assim, o que seria um cântico tradicional de celebração ao Olimpismo transformou-se em um culto aos princípios Nazistas (LARGE, 2007).



**Figura 3** - Corredor carregando a tocha para acender a pira olímpica durante a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Berlim.

**Fonte:** Hansen (2016)

Após o fogo arder na pira olímpica, uma última apresentação aguardava os espectadores da cerimônia de abertura, mais de nove mil crianças e jovens de ambos os sexos participaram de uma coreografia e coral elaborados. Tudo em prol do espetáculo, tudo deveria ser perfeito e majestoso (LARGE, 2007). O jornal americano, *The New York Times* exaltou a cerimonia alemã, dizendo que havia superado as expectativas de todos, e a considerou a mais fantástica até então. Ainda segundo o jornal, os Jogos atendiam às intenções dos governantes, dando ao mundo um novo olhar a respeito da Alemanha, e aos nazistas a opinião positiva que tanto almejavam (BIRCHALL, 1934).

O pioneirismo das Olimpíadas de 1936 se estendeu também à área tecnológica, com as inovadoras transmissões das competições esportivas. Pela primeira vez na história, o evento foi transmitido ao vivo através do rádio e também pela televisão. A *Telefunken GmbH*, maior companhia de rádio e televisão da Alemanha e maior prestadora de serviços ao governo Nazista, foi responsável pela transmissão dos Jogos de Berlim. Ela forneceu toda a rede de transmissão, desde microfones e amplificadores de sinal à receptores e alto-falantes, tudo de mais novo e moderno que a tecnologia alemã havia desenvolvido até o momento (DEUTSCHES TECHNIKMUSEUM, 2016).



**Figura 4** - Central de áudio do Olympiastadion.  
**Fonte:** Deutsches Technikmuseum (2016)



**Figura 5** - Fernsehkanonen (canhão de televisão).  
**Fonte:** Early Television Museum (2019)

Ao redor da capital alemã, foram montadas salas de televisão, em um formato semelhante ao que se encontra hoje nas salas de cinema, para que os moradores da cidade pudessem assistir gratuitamente aos Jogos Olímpicos (IOC, 2019). Ao todo, foram preparadas vinte e oito salas, com telas de quase oito metros quadrados



**Figura 6** - Sala de transmissão de televisão.  
**Fonte:** Deutsches Technikmuseum (2016)

por toda Berlim, onde estima-se que cerca de cento e cinquenta mil pessoas acompanharam a competição. (EARLY TELEVISION MUSEUM, 2019). Foi a primeira na história que o evento foi televisionado. Inclusive, tal façanha serviu para divulgar e enaltecer a alta tecnologia que o país tinha a sua disposição, em favor do regime nazi.

Os mais de três mil programas de rádio ao vivo também foram transmitidos a sistemas instalados em locais públicos. Os nazistas instalaram por toda a Alemanha alto-falantes

que reproduziam um som de alta qualidade (DEUTSCHES TECHNIKMUSEUM, 2016). A transmissão não se limitou à nação alemã, as ondas de rádio alcançaram mais de quarenta países de todo o mundo, um feito inédito. Segundo Michael Socolow, professor da Universidade do Maine, a audiência foi colossal, mais de trezentos milhões de pessoas de todo o globo ouviram pelo rádio a narração da competição (apud GIVEN, 2016). O governo fascista explorou ao máximo a competição, e a mídia desempenhou um papel fundamental em transformar os Jogos Olímpicos de Berlim em um espetáculo mundial, ao alcançar o máximo de pessoas possíveis e divulgar a ideologia e força da Alemanha nazista.

Todos os aspectos que envolviam as Olimpíadas foram analisados e pensados para que se pudesse extrair o máximo da capacidade geopolítica do evento. Dentre outras vertentes que foram exploradas, uma delas marcou a história do esporte para sempre e, até hoje é modelo para profissionais da área: o documentário *Olympia*.

Como já esperado, ao decorrer da competição, os Nazistas apresentavam-se como os legítimos herdeiros dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, e não desperdiçaram nenhuma oportunidade de exaltar o triunfo dos atletas alemães e a superioridade da "raça ariana". *Olympia* foi a continuação potencializada desta glorificação. A mando do governo de Hitler, Leni Riefenstahl, uma consagrada cineasta alemã da época, foi contratada para gravar um filme sobre as Olimpíadas de 1936 com a finalidade óbvia de engrandecer a nação sede. O contrato firmado entre Riefenstahl e o governo não tinha qualquer menção ao COI que, teoricamente, seria o detentor dos direitos de imagem do torneio. No contrato, foi estabelecido que o Ministério da Propaganda deveria investir 1'500'000,000 *reichsmarks*, uma cifra bem alta para a época, demonstrando grandes aspirações para o filme. O regime de extrema-direita conseguiu mais uma vez usurpar as Olimpíadas para benefício próprio e, a despeito de outras ocasiões, o fazia de uma forma que os dirigentes do COI sequer concebiam ser possível (LARGE, 2007).

Publicada em três versões, a original em alemão e as outras duas em francês e inglês com cenas editadas para o estrangeiro, *Olympia* retratou os atletas de maneira épica, enobrecendo suas vitórias e feitos. Em certos momentos, o filme leva o telespectador a entender que os atletas alemães obtiveram melhores resultados do que realmente conquistaram. Em todas as versões, o filme transmite a falsa ideia de que grande parte do público presente nos estádios e arenas era estrangeiro.

Além disso, nações aliadas à Alemanha, como a Itália e o Japão, também obtiveram grande destaque nas cenas de *Olympia*. O documentário ainda retrata as competições olímpicas com uma excelência cinematográfica que impressiona o telespectador, deixando-o extasiado com a grandiosidade do evento. Isso fez com que se construísse uma opinião externa extremamente favorável aos Jogos Olímpicos dos nazistas (LARGE, 2007).

Na versão alemã, narram-se as competições como verdadeiras batalhas, entre "raças" e nações: "[os atletas negros terão como oponentes nos 100 metros rasos] os melhores representantes da raça branca" e em outra ocasião, retrataram os duzentos metros do nado peito como "uma batalha sangrenta entre Japão e Alemanha". Os narradores pouco se importavam em citar o nome dos atletas, para eles, eram nações competindo entre si. Outro destaque da versão alemã foi a constante aparição de Hitler e da bandeira Nazista, retratando-o como um assíduo fã de esportes, e instigando o nacionalismo alemão, respectivamente. No entanto, em todas as versões exalta-se a suposta ligação "racial" e espiritual entre os povos Helênicos e o povo alemão. O filme glorifica a força, o físico e o corpo que aparece nu em cenários naturais, trazendo à tona o vínculo entre o sangue (a "raça") e o solo (a nação) (LARGE, 2007).

Tudo foi minuciosamente engendrado para que a causa nazista fosse engrandecida e o poder alemão exacerbado. Estádios e arenas excepcionalmente modernas para a época foram construídos, utilizaram tecnologias pioneiras como a televisão e as transmissões internacionais do rádio, as decorações e cerimônias tiveram proporções homéricas, levando os Jogos de Berlim a um patamar bem mais elevado que de seus antecessores. As imensas bandeiras nazistas, espalhadas por toda a cidade, transformaram a capital alemã. Elas irradiavam ao público, estrangeiro ou não, um sentimento de grandeza e de força do país. Todos estes fatores contribuíram para que se difundisse a ideia de que a Alemanha era um país poderoso e imponente uma vez mais. Os Jogos de Berlim foram ilustrados como uma competição entre nações e "raças", "o equivalente esportivo à grande batalha pela supremacia mundial entre os povos do mundo." (OLYMPIA, 1938; LARGE, 2007).

Retratado quase como uma celebridade no filme *Olympia*, Jesse Owens conquistou quatro medalhas de ouro em pleno *Olimpiastadion* lotado, um caldeirão que fervilhava ideologias nazistas de supremacia "racial" ariana. Deste modo, a

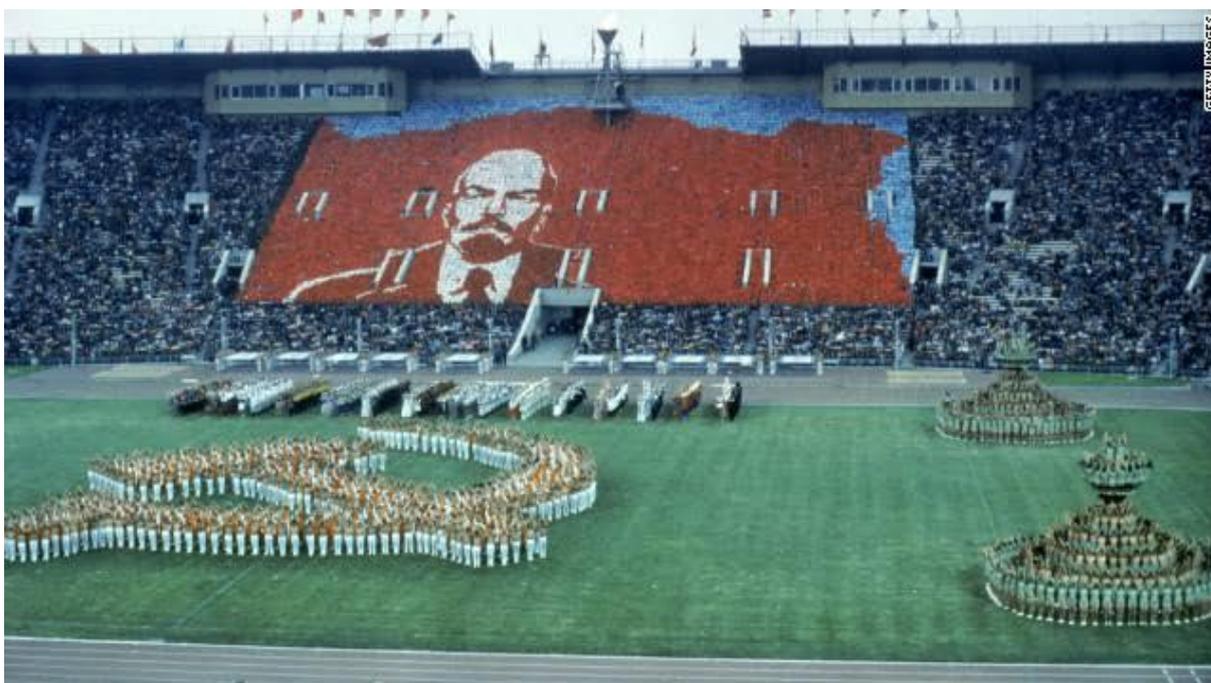
vitória de Owens marcou para sempre a história, e trouxe a Hitler e Goebbels indignação e ultraje, para eles, era uma desgraça o que acontecera e uma vergonha à "humanidade branca" (THACKER, 2009). Mas sua raiva não durou muito, a Alemanha nazista terminou a competição em primeiro lugar no quadro geral de medalhas, conquistando 33 ouros de 89 medalhas no total (ESPN, 2012). Como já citado anteriormente, os nazistas encararam cada vitória esportiva como uma vitória no campo de batalha. O esporte na Alemanha nazista era promovido como treinamento militar, era uma das maneiras de aliciar mais pessoas à ideologia nazista, pois ao esporte se associava o desenvolvimento da superioridade física ariana. Além disso, o esporte era promovido para que a população alemã tivesse vigor e força física o que acarretaria em excelência militar, sendo o Pentatlo Moderno um dos maiores exemplos disso. Por ser constituída por provas que requerem habilidades particularmente militares, a modalidade sempre atraiu a atenção e a participação de oficiais das forças armadas. Assim, o país que tivesse os melhores atletas do Pentatlo Moderno simultaneamente demonstraria grande poder militar (HECK, 2011). Seguindo esse raciocínio, o topo da tabela representaria a vitória da nação alemã em uma guerra contra os outros países.

Em um momento político conturbado, marcado pelo medo, pela incerteza, pela desinformação, pela injustiça e pela raiva, um grupo extremista chegou ao poder após uma série de acontecimentos e articulações políticas. Grandes discursos inflamatórios e o retorno da esperança, por meio de promessas de reconquista do orgulho de uma nação, seduziram uma população que há muito tempo agoniava. Em nome de uma ideologia nefasta, e de conceitos estúpidos, várias atrocidades foram cometidas, e a propaganda desempenhou um papel importante ao mascarar e manipular o próprio povo alemão e as outras nações. Os Jogos Olímpicos de Verão de 1936 ficaram conhecidos por serem utilizados para promover o governo nazista, e por dar a Hitler mais prestígio nacional e internacional. (BEAMISH; RITCHIE, 2006, apud RUBIO, 2010).

Extremamente competente e preparado, o Ministério da Propaganda, comandado por um homem igualmente capacitado, usufruiu de todas as alternativas de divulgação possíveis e habilidosamente propagou e reforçou internamente a ideologia nazista; demonstrou interna e externamente sua força e poderio militar e tecnológico; ludibriou diversas nações e se engrandeceu em meio a um continente que ainda se recuperava da Primeira Guerra Mundial. Um país que fora retaliado

excessivamente por meio do injusto Tratado de Versailles agora se impunha e se firmava novamente como uma das principais forças da Europa. Como ferramenta Geopolítica, as Olimpíadas de Berlim foram, nas palavras de Goebbels, "uma vitória à causa alemã" (apud THACKER, 2009).

### 3.2 XXII Jogos Olímpicos de Moscou de 1980



**Figura 7** - Mosaico com o rosto de Lenin e coreografia da foice e martelo durante a cerimônia de abertura das Olimpíadas de Moscou, em 1980 **Fonte:** Getty Images e Tony Duffy (1980)

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, surgiram no mundo dois centros de poder: os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Apesar de aliadas durante a guerra, havia certa hostilidade entre os dois governos, resultado do antagonismo ideológico de suas filosofias políticas. Essa disputa deu vida a uma rivalidade conflituosa que era emulada de forma indireta, ou seja, sem embates militares e bélicos, e que perdurou até o fim do século XX. Todas as maneiras de se impor perante o rival e mostrar-se a nação mais poderosa do mundo foram exploradas e, portanto, também recorreram às Olimpíadas de 1980, em Moscou e de 1984, em Los Angeles, com essas mesmas intenções. Nesse período, a geopolítica de um mundo bi-polarizado ditava as ações e decisões dos países do globo que estavam sob influência de uma das duas

superpotências, com raras exceções. Esse conflito político-ideológico ficou mundialmente conhecido como a Guerra Fria.

A Segunda Grande Guerra enriquecera ainda mais os Estados Unidos que, ao contrário de outros países europeus e asiáticos, não teve sua infraestrutura diretamente afetada pelos combates, apesar de quase meio milhão de soldados americanos terem morrido em batalha. A URSS (União Soviética), por outro lado, sofreu enormes perdas: cidades arrasadas, indústrias completamente destruídas e mais de 20 milhões de soviets (soldados e civis) perderam suas vidas (BECK et al, 2005).

As superpotências agora disputavam o continente europeu, os EUA subsidiavam, por meio de empréstimos, a reconstrução do oeste da Europa para que no futuro houvessem mais mercados consumidores para os produtos americanos e mais matéria prima para abastecer as indústrias americanas, que se reergueram por conta da guerra. Destaca-se que durante 1941 e 1943, a economia estado-unidense, que ainda tentava se recuperar da Grande Depressão, teve um crescimento anual de 17% (AMADEO, 2019). Além disso, articulavam maneiras de prevenir a ascensão comunista nesses países e assegurar sua zona de influência. Dessa maneira, os EUA haviam resgatado sua soberania outra vez.

A política de Contenção, lançada pelo presidente americano Harry Truman, objetivava conter a influência e frear os avanços soviéticos sobre outros países. Ela deu origem à Doutrina Truman, que se caracterizou como um apoio financeiro e comercial que os EUA prestariam àqueles que rejeitassem o comunismo. Ou seja, em suma, os EUA combateriam o comunismo mundo afora. Dentre outras medidas, executaram também o Plano Marshall que, por meio de empréstimos, visava financiar a reconstrução dos países afetados pela guerra. Os EUA acreditavam que, ao se reconstruírem, os países resistiriam à expansão do comunismo, ideologia agora tentadora e aparentemente promissora devido ao cenário apocalíptico do pós-guerra (BECK et al, 2005). Segundo Chomsky (1999), o Plano Marshall -que muitas vezes é figurado como uma ação puramente benevolente- na verdade permitiu que houvesse uma grande quantidade de capital privado americano investido na Europa, o que estabeleceu a base para a fundação das empresas multinacionais contemporâneas, e possibilitou um grande influxo de capital europeu para os bancos americanos.

Já a URSS fazia do leste europeu o provedor de seus recursos (é importante lembrar que durante a Segunda Guerra, a URSS conquistou esses países ao combater Alemanha nazista que os havia invadido e que, portanto, estavam agora sob sua zona de controle). A economia soviética, destruída pela guerra, precisava se recuperar e a solução se encontrava nos países do leste europeu que, além de fornecerem proteção às fronteiras da URSS, criando uma espécie de barreira geográfica, também forneceriam as indústrias e matéria-prima necessárias para a reconstrução do país. Estabeleceu-se também uma contrapartida à influência americana na Europa, a URSS passou a controlar e encorajar o comunismo nas nações leste-europeias, o que levou a uma repartição do continente europeu. Essa divisão da Europa e de Berlim ficou conhecida como Cortina de Ferro (BECK et al, 2005). Estava montado o cenário da Guerra Fria.

Durante mais de quarenta anos os governos das duas superpotências lutaram uma guerra não convencional, não haviam confrontos bélicos diretos. Ao invés disso, disputavam o título de nação mais poderosa por meio de ações indiretas de cunho político, como a corrida espacial e a corrida armamentista nuclear, para que pudessem provar qual era a melhor ideologia e o país mais poderoso. O mundo agora era comandado por dois países que pregavam ideologias diferentes e contrastantes. Ambas as nações lideravam recém-formadas alianças militares, de um lado a OTAN, e de outro, o Pacto de Varsóvia, o que auxilia a compreensão do porque de se dizer que o mundo era bi-polarizado.

Acreditavam que deveriam limitar a extensão do poder de seu adversário e encontraram meios, que não o combate direto, para fazê-lo. Percebe-se, portanto, que os dois países usaram e abusaram da geopolítica, ela fora essencial para a construção e sucesso de suas manobras. As principais estratégias incluíam: ajuda externa a outros países; espionagem; alianças multinacionais militares -citadas acima; o Brinkmanship -uma política que levava o mundo à beira de um confronto direto e nuclear- com a intenção de fazer o adversário recuar; as *proxy wars* -guerras indiretas através do apoio a regimes que estavam em combate direto contra seu rival, como a Guerra do Vietnã, por exemplo; e obviamente, a propaganda (BECK et al, 2005). Tudo o que pudessem usar a seu favor foi analisado e, obviamente, os Jogos Olímpicos de Verão não foram nenhuma exceção.

O governo soviético era um regime sumariamente autoritário. De 1929 a 1953, o governo de Joseph Stalin perseguiu, exilou e assassinou inúmeros inimigos

do Estado, fossem eles políticos ou não. As políticas de Stalin, como o Grande Expurgo, fizeram desse o período mais sombrio da União Soviética. Após sua morte, em 1953, adotaram-se diferentes políticas de governo, o Estado estava mais "aberto", mas mesmo assim, no geral, o Stalinismo se manteve. O governo soviético não permitia quaisquer oposições ao governo, o PCUS (Partido Comunista Soviético) ditava o que deveria ser feito e no que se deveria acreditar. Controlando desde a economia até os meios midiáticos, a URSS era intransigente, e a sociedade soviética era extremamente monitorada e regulamentada por uma polícia secreta rígida e impetuosa. A estrutura de governo dava controle total ao Secretário Geral do Partido Comunista que, junto com o Politburo (alta cúpula do PCUS), gozavam de plenos poderes e o impelia nos níveis mais baixos da hierarquia, criando uma sociedade, de certo modo, amedrontada e automatizada (OSTROW, 2013).

Em 1936, de uma maneira nunca antes explorada, o regime nazista fez das Olimpíadas um meio extremamente efetivo para alcançar seus objetivos. Porém, por terem sido pioneiros na utilização dos Jogos Olímpicos Modernos como ferramenta geopolítica, estavam limitados ao pouco conhecimento que se tinha em relação ao tema, às possibilidades de uso e às tecnologias da época, algo que já havia sido superado quarenta e quatro anos mais tarde, quando Moscou foi eleita a sede dos Jogos Olímpicos de 1980. A capital da agora extinta União Soviética, venceu o pleito para sediar o evento por 19 votos de vantagem da segunda colocada, Los Angeles, que se tornaria sede em 1984 (VERNIK, 2013). Em meio a Guerra Fria, os blocos socialista e capitalista buscavam afirmar suas ideologias como superiores e, assim como a Alemanha Nazista, viram nesse megaevento esportivo uma oportunidade única para fazê-lo.

A sociedade como um todo havia se desenvolvido, a limitação tecnológica que o governo alemão tinha em 1936 já não era mais um problema. Agora, a tecnologia se reinventava diariamente, e feitos anteriormente inimagináveis foram realizados, o homem fora ao espaço, orbitara a terra, e em 1969 já havia ido a lua. A indústria televisiva, por exemplo, progrediu significativamente, as inéditas transmissões em circuito fechado de Berlim deram lugar a canais e programas ao vivo e a cores, transmitidos internacionalmente. Agora, empresas de todo o mundo desejavam pagar pelos direitos de transmissão das Olimpíadas. Em Moscou, nove canais oficiais transmitiram os Jogos a quarenta e oito países ao redor do globo, um número recorde em 1980 (OCOG-80, 1981).

O desenvolvimento tecnológico permitiu que o uso da televisão fosse muito mais eficiente do que fora com os alemães, permitindo alcançar milhões de pessoas ao redor do planeta, o que aumentou ainda mais a capacidade de divulgação do evento olímpico. A União Soviética fazia da televisão seu advento mais precioso, o carro chefe da propaganda do país, já que jornais, programas de rádio, exposições e concertos não tinham pujança sobre a população internacional, externa à Cortina de Ferro. O governo comunista soube explorar a fidelidade da audiência dos programas esportivos, que está sempre consumindo e a procura de mais o que consumir. Dessa maneira, o esporte é um campo que não necessita intensa divulgação, ele por si só já é muito atrativo (HAZAN, 1982).

Hazan diferencia a propaganda soviética em dois tipos: a propaganda operacional e a propaganda de impregnação. A primeira focava em meios mais diretos e buscava resultados concretos e específicos, destacando problemas e encaminhando o público às soluções e comportamentos desejados. Já a segunda, tinha como principal função criar uma simpatia do público para com a URSS, tornando-o mais suscetível a aceitar as propagandas operacionais (apud KANET, 1987).

Isso faz do esporte o meio mais efetivo da propaganda de impregnação. Os consumidores se tornam "uma presa fácil", pois diferentemente de outros meios, o esporte cria um vínculo sentimental com o espectador que participa e se envolve emocionalmente. O espectador, então, se sente parte da conquista do atleta ou do time, fortalecendo ainda mais esse vínculo que, ironicamente, os torna vulneráveis às manipulações políticas. A inexorabilidade do esporte, onde o resultado se apresenta de forma imediata e definitiva, contribui bastante para a decorrência deste efeito. Ela relaciona justiça e integridade ao resultado, o que por sua vez, leva o público a pensar que este fora obtido de forma honrada e fiel às regras do jogo, conduzindo à construção de uma reputação positiva a respeito de determinado atleta, equipe ou país. Isso faz do esporte uma ferramenta geopolítica extremamente poderosa, capaz de alcançar bilhões de pessoas por todo o planeta, de gerar um sentimento de admiração para com os vencedores e, conseqüentemente, para com o sistema político-social que os formou. Nenhuma outra nação compreendeu tão bem tais efeitos e capacidades como fez a URSS (HAZAN, 1982). Dessa forma, jazia na vigésima segunda edição das Olimpíadas de Verão o cenário ideal para que a União Soviética pudesse atingir seu principal objetivo: reconhecimento mundial.

A Alemanha de Hitler soube utilizar os Jogos Olímpicos muito bem para autopromover-se, interna e externamente. Os alemães apostaram na ostentação de poder, na construção da imagem de nação soberana, propagando a outros países pioneirismo e poder tecnológico, assim como excelentes resultados esportivos - vistos como vitórias em batalhas- e uma sociedade "unida e patriótica". Já a URSS explorou outro lado dos Jogos, enquanto o regime nazista apostou na imposição do medo e da força, os soviéticos tiraram proveito das emoções do público. Muitas vezes, é possível alcançar por meio do medo e da imposição os resultados desejados, entretanto a formação de uma resistência é muito suscetível, já que o público sempre se encontra com suas defesas psicológicas armadas (HAZAN, 1982), o que não acontece com as emoções, como foi possível perceber nas Olimpíadas de Moscou.

Em 1979, um ano antes da vigésima segunda edição dos Jogos começar, o exército soviético adentrou o Afeganistão. O país vivia uma gigantesca crise política que incluiu, inclusive, assassinatos de dois presidentes, e que ameaçava a manutenção do governo comunista que administrava o país. O que deveria ser apenas um apoio efêmero ao governo comunista afegão, se tornou um conflito duradouro, similar ao que os EUA enfrentaram na Guerra do Vietnam. Para os soviéticos, era um apoio ao governo legítimo afegão, para a mídia ocidental, no entanto, era uma invasão (SEMYORKA, 2017). O governo americano garantiu os suprimentos dos insurgentes afegãos, chamados *mujahideens*, para que pudessem combater o exército soviético, já que considerou essa invasão uma ameaça aos suprimentos de petróleo destinados aos EUA vindos do Oriente Médio. Essa questão de interesses políticos e econômicos, inflamados pelo embate indireto entre as duas superpotências, acalentou ainda mais a situação do Afeganistão. Isso levou os EUA a por em prática um embargo à URSS, vetando a chegada de grãos ao país comunista com o objetivo de pressionar e coagir a União Soviética a retirar suas tropas do Afeganistão. E, devido a importância política do evento, naturalmente as Olimpíadas também foram alvo de represálias (BECK et al, 2005).

Em 20 de janeiro de 1980, o presidente americano, Jimmy Carter, declarou a realização de um boicote às Olimpíadas de Moscou, e propôs que os Jogos Olímpicos fossem transferidos a outro país, adiados ou cancelados caso a URSS não retirasse suas tropas do território afegão dentro de um mês. Caso as tropas não fossem retiradas nem a sede alterada, o presidente disse que pediria pessoalmente

ao USOC que não enviasse nenhum atleta à Moscou, efetivando um boicote americano (SMITH, 1980).

Em 12 de abril do mesmo ano, o USOC aprovou o boicote oficialmente. O governo americano passou a promover o boicote mundo afora, incitando, pressionando e subornando outros países a aderirem, como mostram documentos confidenciais do Departamento de Estado dos EUA recentemente desclassificados (STAROBINAS, 2002). A meta era enfraquecer as Olimpíadas de Moscou e torná-la um fiasco, algo que provavelmente prejudicaria bastante a imagem da URSS. Nestes documentos sigilosos consta também o descontentamento do COI em relação ao movimento. O Comitê Olímpico Internacional e a IFs condenaram o boicote americano, ressaltando que os CON's são órgãos governamentais e que não se deve coagi-los a tomar partido em disputas políticas. O Comitê chegou a cogitar ainda a exclusão de todos os símbolos nacionais das futuras edições dos Jogos, com a intenção de separar, de uma vez por todas, o esporte da política. Em maio, o governo americano contabilizava a não participação de 55 países, e estimava que mais nações estavam inclinadas a não participar. Por fim, mais de 67 países aderiram ao boicote (USA, 1980). O boicote não foi um grande sucesso, a URSS ainda assim conseguiu organizar uma excelente competição que atendeu às expectativas que tinha em relação à divulgação e exaltação do país e do comunismo. Com o número de participantes reduzido a apenas 80 países, a já esperada soberania esportiva soviética foi garantida, algo visto com bons olhos pelo governo de Brezhnev.

Durante os Jogos de Moscou, os espectadores e telespectadores assistiam ansiosos às competições olímpicas, "uma audiência desprevenida, exposta [...], cuja defesa mental contra a propaganda estava completamente desativada." (HAZAN, 1982). E sabendo disso, a União Soviética soube manipular as informações que eram enviadas ao público, fazendo com que se construísse um sentimento de empatia para com o país-sede. Logo na abertura, os comunistas buscaram surpreender a todos ao fazerem uma transmissão ao vivo com os astronautas da estação espacial Soyuz. Era uma exibição clara da alta tecnologia da URSS, e uma provocação sutil aos EUA, que disputavam a corrida espacial e tecnológica com o governo soviético (HARAZIM, 2016). Dentre todas as artimanhas utilizadas, um personagem específico teve um gigantesco impacto nas políticas de propaganda de impregnação da URSS: o Urso Misha, a mascote dos Jogos de Moscou. Criado por

Viktor Chiknikov, um ilustrador russo, Misha era um filhote de urso que usava um cinto colorido com as cores olímpicas e a fivela eram os anéis olímpicos dourados. A mascote tinha características amorosas e carinhosas (Figura 8) contrabalanceando com a imagem de um urso grande, feroz, violento e brutal, que era utilizada ao redor do mundo para representar a Rússia desde os tempos do Czar (SINELSCHIKOVA, 2019). Rapidamente, Misha caiu nas graças da população mundial, durante os Jogos foram vendidas várias pelúcias e outros tantos souvenirs da mascote, que inclusive figurou os talheres da vila olímpica (ENGLISH RUSSIA, 2010; SPORTV.COM, 2013).



**Figura 8** - Poster da mascote oficial, o Ursinho Misha.  
**Fonte:** Mad on Collections (1979)

Durante a cerimônia de encerramento, grandes balões começaram a sair do túnel do Estádio Luzhniki, em uma parte do estádio, formava-se um mosaico com o rosto da mascote olímpico, então os vários dançarinos se organizaram de tal maneira que direcionavam o foco aos balões que surgiam, estavam anunciando a entrada do tão querido Urso Misha. No momento em que o balão enorme, que flutuava a poucos metros do chão, apareceu no estádio, o público foi à loucura,

todos cultivavam um carinho especial pela graciosa mascote dos Jogos de 1980 (OTAB, 1980).

Embaixo dele, estavam algumas pessoas segurando, direcionando e guiando o balão Misha ao redor do gramado, até que se situasse no local previamente estabelecido. De frente para as principais câmeras das emissoras de televisão estava Misha, e atrás dele, um segmento do estádio de cor neutra. Conforme a música, esse painel neutro, agora formava um mosaico do Urso Misha, que segurava em um seus braços um punhado de flores. O público, já extasiado, não conseguiu mais conter suas emoções quando do olho esquerdo de Misha, uma lágrima fora derramada, e em seguida uma segunda (Figura 9). O fim dos Jogos Olímpicos de Moscou se aproximava. Completamente emocionado, o público

presente no Estádio Luzhniki agora olhava para Misha de maneira saudosa, tentavam a todo custo conter suas emoções já incontroláveis. Misha acenou e se despediu dos espectadores, e então subiu pelos ares até desaparecer (OTAB, 1980). Agora, as lágrimas de Misha estavam acompanhadas das lágrimas e emoções das mais de 100 mil pessoas presentes na cerimônia de encerramento e das centenas de milhões que acompanhavam pela televisão. A comoção era geral, a



**Figura 9** - A lágrima do Ursinho Misha durante a cerimônia de encerramento.  
**Fonte:** Guneev (1980)

cerimônia fora emocionante e inesquecível a todos que assistiram. Do ponto de vista propagandístico, a cerimônia fora um sucesso, os organizadores conseguiram incutir na apresentação elementos extremamente emocionais, que cativou o público. Conseqüentemente, criou-se maior afinidade entre a comunidade internacional de maneira sutil, sem que isso fosse percebido, o que é característico das propagandas de impregnação, como destaca Hazan (1982).

Assim como fizeram os alemães, o governo soviético decidiu beneficiar-se da relação entre sucesso esportivo e poder nacional, e para tanto financiou um dos mais bem orquestrados esquemas de doping esportivo. A tecnologia, como já mencionado, havia avançado muito, e, agora proporcionava à ciência uma capacidade de desenvolvimento maior.

Na época, o conhecimento humano havia se expandido, novas descobertas foram feitas que, em 1936, estavam longe de se concretizarem. O campo da medicina, por exemplo, evoluiu bastante, agora cientistas contavam com informações que poderiam melhorar a performance atlética dos competidores, aumentando criticamente suas chances de vitória. Para a URSS, todas as possibilidades capazes de proporcionar uma evolução performática deveriam ser exploradas. Garantir os melhores resultados possíveis era extremamente importante devido ao contexto geopolítico do momento. A União Soviética e os Estados Unidos disputavam zonas de influência e poder entre si, buscavam demonstrar sua força sempre que possível para que isso lhes desse o respaldo necessário para afirmar sua ideologia, o seu sistema político e o seu país como os melhores existentes. Assim, o sucesso olímpico significava que o sistema governamental era efetivo e, dependendo da ocasião, soberano ao de seu rival.

Em 1980, o regulamento só permitia a participação de atletas amadores nas Olimpíadas, no entanto, na prática isso não acontecia. A URSS possuía um sistema de desenvolvimento de esportistas muito bem organizado, apesar de abusivo em algumas ocasiões. Em um país onde todos deveriam ter as mesmas condições de vida, os atletas soviéticos eram privilegiados, recebiam salários bem maiores do que o resto da população, por exemplo, dentre outras regalias, e caso alcançassem um resultado expressivo ou quebrassem um recorde, os benefícios eram ainda maiores. Em contrapartida, os atletas tinham um regime de treinamento incrivelmente rígido, sempre com muitas cobranças para que obtivessem os melhores resultados. Os melhores clubes do país pertenciam ao Ministério da Defesa e à KGB, o serviço de inteligência soviético, e esses clubes eram responsáveis por fornecer ao Comitê Olímpico da URSS os melhores atletas. O governo comandava todo o sistema esportivo da nação por meio do Comitê de Esportes, um ramo do Conselho de Ministros da URSS. Esse comitê contratava, demitia e aposentava atletas, regulava transferências entre clubes e também selecionava quais atletas estavam elegíveis à seleção olímpica de cada esporte. Ademais, todas as decisões referentes às

Olimpíadas deveriam ser aprovadas pelo Comitê Central do Partido Comunista. Tudo era muito monitorado e acompanhado, o resultado olímpico era extremamente importante (VINOKUR, 1980).

Com isso em mente, a nação soviética financiou um projeto de doping Estatal. Segundo o Dr. Michael Kalinski, ex-presidente do departamento de bioquímica do esporte na Universidade Nacional de Educação Física e Esporte de Kiev, o Instituto Nacional da Cultura Física em Moscou publicou, em Julho de 1972, um documento intitulado: Esteroides Anabólicos e Capacidade Esportiva. Esse documento foi enviado a todas as instituições de esporte de alto-rendimento do país, nele constavam dados obtidos em estudos sigilosos que foram realizados entre 1971 e 1972, no Laboratório Soviético de Pesquisa do Esporte, a respeito dos efeitos dos esteróides anabólicos androgênicos (EAA's) na melhora do rendimento esportivo. No documento, recomendavam, encorajavam e até exigiam que os atletas fizessem o uso de EAA's durante a preparação para as Olimpíadas. Então, era possível saber quais eram as formas mais eficientes e eficazes de se utilizar os EAA's para que aumentassem o desempenho esportivo dos soviéticos. Esses documentos também continham informações sobre dosagem, procedimentos, tipos de EAA's e até protocolos específicos para cada modalidade. Kalinski ressalta que, em alguns casos, os atletas não tinham consentimento de que estavam inseridos nesse programa de "pesquisa" (apud NYNKA, 2003).

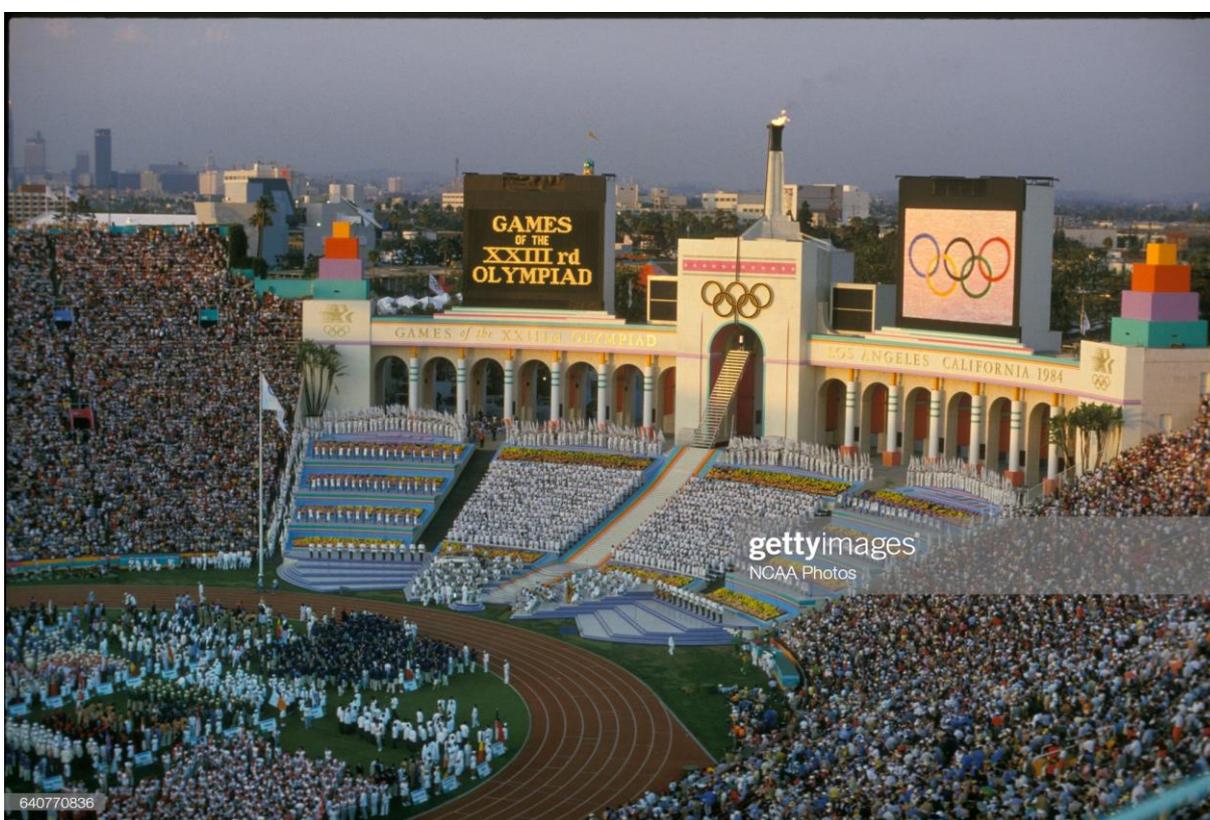
Percebe-se que vencer era fundamental para a URSS, assim como era para os EUA. Os atletas sofriam uma pressão gigantesca, o resultado era tudo o que importava. Segundo o Dr. Grigory Vorobiev, um dos primeiros médicos em tempo integral do Comitê Olímpico Soviético, a maioria dos atletas com os quais trabalhava recorriam a ele em busca de orientação para tomar drogas que aumentassem seu desempenho. Era aconselhado aos atletas que tomassem apenas o necessário, dessa forma, evitar-se-ia que fossem pegos nos exames anti-doping. A utilização de doses orais de esteroides era comum, e caso os médicos dissuassem os atletas a usarem as drogas, seriam culpados por um eventual mau desempenho e, conseqüentemente, despedidos (apud RUIZ, 2016). Dentro de todo esse contexto, compreendiam-se as Olimpíadas de Moscou como o objetivo principal. O melhor resultado deveria ser sempre soviético, era essa a meta principal de todo o sistema esportivo desenvolvido, e de toda uma política de autopromoção externa e interna.

O governo comunista desejava controlar todas as variáveis possíveis, assim, nada poderia impedir que atingissem o que se havia proposto. O número reduzido de países participantes, devido ao boicote americano, não influenciou nas decisões da URSS. Durante as Olimpíadas, a nação sede, que era não só conivente, mas incentivadora do uso de drogas que melhorassem o desempenho atlético, manipulou inclusive as amostragens de atletas que testariam positivo no exame anti-doping. Além disso, utilizaram técnicas de dopagem que passariam despercebidas pelos exames uma vez que ainda não eram muito desenvolvidos. Toda essa questão de manipulação laboratorial e consensual do doping só foi descoberta anos mais tarde, quando novos testes foram criados, possibilitando a identificação de mais drogas. Em um estudo oficial, realizado nove anos depois dos Jogos de Moscou, o governo da Austrália apelidou a edição de *Chemists' Games*, em português: Jogos dos Químicos; em alusão à quantidade de atletas que competiram sob influência de drogas otimizadoras de performance, também afirmou que "dificilmente houve um medalhista olímpico em Moscou [que não utilizou nenhuma substância], certamente nenhum medalhista de ouro" (apud HUNT, 2007). Ao final da vigésima segunda edição, os soviéticos terminaram isolados no topo do quadro geral ao conquistarem 80 medalhas de ouro e 195 no total. Em segundo e terceiro colocados, terminaram a Alemanha Oriental e a Bulgária, com 47 medalhas de ouro, 126 no total e 08 de ouro e 41 no total, respectivamente (WOOD, 2019).

Os Jogos de Berlim foram pioneiros na divulgação do país sede, os nazistas souberam explorar a capacidade geopolítica do torneio muito bem, o que serviu como um excelente exemplo às outras nações. Apesar de outros países também compreenderem a importância das Olimpíadas no âmbito geopolítico, nenhum o fez com tanta seriedade como a União Soviética. A URSS enfaticamente se promoveu, buscou demonstrar a superioridade de seu sistema político ao mundo de todas as formas possíveis, desde a organização da competição, à mascote, à construção das mais modernas instalações esportivas até às tão cobiçadas medalhas de ouros olímpicas. O emocional foi excepcionalmente explorado. Os milhões de espectadores se comoveram com a edição de 1980, algo essencial para que a União Soviética se expusesse como uma nação benevolente, em contraposto com as diversas propagandas que pregavam o contrário. Uma vez entregues às emoções geradas pela competição, criou-se um sentimento de empatia entre os espectadores e a URSS, assim, o público estava mais suscetível a aceitar novas informações, toda

a comunidade global mais receptiva aos ideais pregados pelos soviéticos, permitindo que a nação ampliasse ainda mais sua esfera de influência. Por meio das Olimpíadas a URSS divulgou o comunismo, ao criar uma imagem positiva da nação, expondo um país forte, moderno, que formava atletas vitoriosos, frutos de um sistema político eficiente e que deveria ser seguido. Assim, a URSS demonstrou a todos seu poder e prestígio, e justificou o porquê de ser considerada uma superpotência (apud KANET, 1987).

### 3.3 XXIII Jogos Olímpicos de Los Angeles



**Figura 10** - Cerimônia de abertura das Olimpíadas de Los Angeles, em 1984.  
**Fonte:** Getty Images e NCAA Photos

Após o sucesso das Olimpíadas de Moscou, quatro anos antes, era a vez dos EUA mostrarem ao mundo a força do capitalismo. Em 1978, Los Angeles foi escolhida como sede da vigésima edição dos Jogos Olímpicos de Verão de maneira peculiar: foi a única cidade a se candidatar como sede para 1984 (VERNIK, 2013).

Também imerso na Guerra Fria, os Estados Unidos disputavam a alcunha de melhor e mais forte nação, uma prova de superioridade de seu sistema político-ideológico. Assim como a URSS fizera em 1980, os EUA promoveram o capitalismo

e sua nação por meio das Olimpíadas, elas seriam o veículo de transmissão da imagem do país ao resto do mundo.

Em 1980, por motivações e interesses políticos, os EUA orquestraram um boicote à edição de Moscou, angariando o apoio de vários países. À véspera da edição seguinte, em 9 de Maio de 1984, a URSS comunicou que não participaria dos Jogos de Los Angeles. Segundo o Comitê Olímpico Soviético, a presença de seus atletas era impossibilitada pelo imenso desrespeito das autoridades americanas para com os ideais Olímpicos. O Comitê Soviético também destacou a utilização das Olimpíadas de 1984 para fins políticos e comerciais, e que uma onda chauvinista anti-soviética estava sendo incitada em todo país por grupos e organizações extremistas, que desejavam criar condições hostis para a delegação da URSS, prejudicando a performance de seus atletas. Alegou, ainda, que o governo americano era conivente com estas demonstrações anti-comunismo, e que portanto, a URSS seria forçada a não participar dos Jogos da vigésima terceira Olimpíada. Segundo eles, "agir de outra maneira seria equivalente a concordar com as ações anti-olímpicas do governo americano e dos organizadores dos Jogos." (BURNS, 1984).

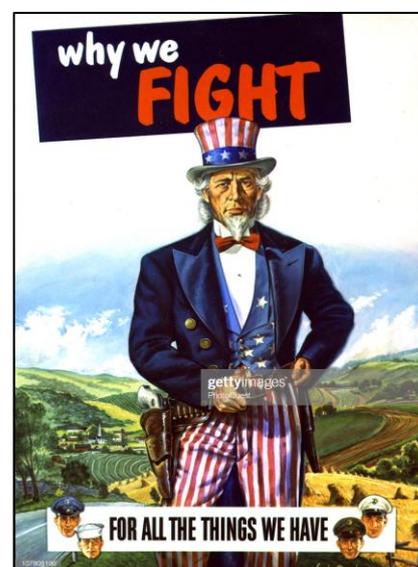
Assim como fizeram os EUA, a União Soviética também aliciou outros países a aderirem ao boicote, porém, o apoio foi menor do que o esperado. Além de outros países sob total influência soviética, como Cuba, por exemplo, todos os países do Pacto de Varsóvia, com a exceção da Romênia, participaram do boicote. No total, 18 países não compareceram às Olimpíadas de Los Angeles. Apesar dos motivos citados pela URSS, o boicote de 1984 foi uma retaliação aos EUA, uma vingança em razão do que fizeram em 1980 (IOC, 2019). O não comparecimento da maioria dos países do bloco comunista abriu caminho para que os EUA obtivessem os melhores resultados da competição, uma vez que as três nações que figuraram o topo do quadro de medalhas em 1980 não participariam. Ao todo, os EUA conquistaram 174 medalhas sendo 83 de ouro, e em segundo lugar, a Romênia, que conquistara 20 medalhas de ouro, 53 no total (LAOOC, 1985). Como já era esperado, os EUA usaram o quadro de medalhas para justificar a superioridade do capitalismo, figurar o topo era sempre muito importante ainda mais em uma olimpíada em solo americano. Alega-se que houveram manipulações por parte da organização e da arbitragem em favor da delegação americana (LINDSEY, 1984), algo que compactua

com a suma importância dada ao sucesso esportivo por países de todo o mundo e pelos benefícios deste advindos.

Também houveram casos de doping durante as Olimpíadas de Los Angeles. Um ano antes, durante os Jogos Pan-Americanos de Caracas, na Venezuela, oficiais utilizaram um teste, que em Moscou ainda não era oficial, pela primeira vez. Quinze atletas foram pegos no exame sendo que, durante os Jogos, doze atletas de atletismo voltaram para os EUA antes do estipulado para que não fossem pegos no novo exame. A partir deste evento, o USOC declarou que faria um controle interno rigoroso, algo que não foi concretizado. Para evitar uma imagem e resposta negativas da imprensa, o USOC divulgou, durante a preparação para os Jogos de Los Angeles, uma nota informando que nenhum resultado positivo fora encontrado entre seus atletas olímpicos. Porém, com o fim das Olimpíadas de 1984, o comitê americano admitiu que oitenta e seis exames, realizados antes dos Jogos Olímpicos, deram resultados positivos para substâncias proibidas pelo COI. No entanto, nenhum dos atletas foi punido ou impedido de competir (WILSON; DERSE, 2001). Além desse caso, outros atletas estado-unidenses estiveram envolvidos em escândalos de doping durante os Jogos de 1984. Sete atletas da equipe de ciclismo dos EUA foram flagrados realizando uma transfusão de sangue em um quarto de motel, e desses sete, quatro conquistaram medalhas nesta edição (SYTKOWSKI, 2006). Fica evidente, portanto, que assim como fora para a União Soviética em 1980, os resultados eram vistos como importantíssimos para o governo americano que, apesar de não estar envolvido diretamente (até onde se sabe), se beneficiou dos resultados obtidos pelos atletas.



**Figura 11** - Sam, a Águia Olímpica  
**Fonte:** Getty Images e Tony Duffy (1984)



**Figura 12** – Tio Sam  
**Fonte:** Getty Images (1950)

Inspirados na URSS, que escolheu como mascote um animal que tradicionalmente representa o país, os EUA escolheram a água-de-cabeça-branca para ser a mascote de Los Angeles. A escolha da mascote como animal nacional e o nome a ela dado remetem fortemente ao patriotismo estado-unidense. Sam, a Águia Olímpica, faz uma clara alusão à figura nacionalista do Tio Sam (Figura 11 e 12, respectivamente), utilizado como símbolo do governo americano, muito comum em cartazes de alistamento militar, ao exaltar o patriotismo. Além disso, a mascote olímpica usa uma cartola com as cores da bandeira estado-unidense, muito semelhante àquela do Tio Sam. Assim como fez a URSS, houve uma intensa comercialização da mascote nos Estados Unidos, porém Sam, não teve o mesmo impacto que teve Misha, quatro anos antes (IOC, 2019; KORKIS, 2013).

Diferentemente de Moscou, em 1980, o investimento nas Olimpíadas de Los Angeles foi privado, e pela primeira vez na história, os Jogos Olímpicos haviam trazido lucro ao país-sede, e se comparados os gastos, esses também foram bem menores (HOW THE USA AND THE USSR BOYCOTTED THE OLYMPICS, 2018; LAOOC, 1985). O LAOOC, responsável por organizar as Olimpíadas de Los Angeles, foi o primeiro grupo privado a ter permissão do COI para desempenhar tal função. Muitos dos estádios e arenas utilizados em Los Angeles não eram novos, e sim reformados. O LAOOC decidiu que seria economicamente mais rentável que se reformassem instalações já construídas, o que fez com que o gasto para com construções despencasse para apenas 29,2 milhões de dólares (LAOOC, 1985). Além disso, foram recrutados cerca de cinquenta mil voluntários, um número maior do que em competições anteriores, o que reduziu também os dispendios com mão de obra durante a competição.

Para angariar todos os fundos necessários, o LAOOC vendeu direitos de divulgação, assim, pela primeira vez na história, 134 marcas se tornaram patrocinadoras e/ou provedoras oficiais, ou foram licenciadas, e em troca puderam utilizar o nome das Olimpíadas em suas propagandas. (CLARKE, 1984) Os direitos de televisão também foram vendidos a diversas empresas de telecomunicação, permitindo a transmissão dos Jogos Olímpicos a diversos países. Dessa forma, a receita proveniente dos direitos de imagem e dos patrocinadores correspondeu a 80% do orçamento estipulado para o evento. T tamanha comercialização teve grande repercussão na mídia e foi alvo de várias críticas e até sátiras, ironizando a quantidade de “produtos oficiais” (Figura 13). O presidente do COI à época, Lorde

Killanin, também se manifestou contra a excessiva comercialização dos Jogos, que ia contra a tradição Olímpica, mas não tomou nenhuma medida que alterasse a organização do torneio. Assim, os Jogos de Los Angeles ganharam o apelido de “Commercialympics” (BOYKOFF, 2014).

Em acordo, o LAOOC prometeu ao USOC e ao governo da Califórnia do Sul, a distribuição de 60 e 40% do lucro, respectivamente, caso houvesse. No total, estima-se que foram gastos 546 milhões de dólares e que, ao final, as Olimpíadas de Los Angeles faturaram 232,5 milhões de dólares. Ou seja, 93 milhões foram destinados aos cofres públicos do estado e outros 139,5 milhões ao comitê olímpico dos EUA (WALKER, 2014).

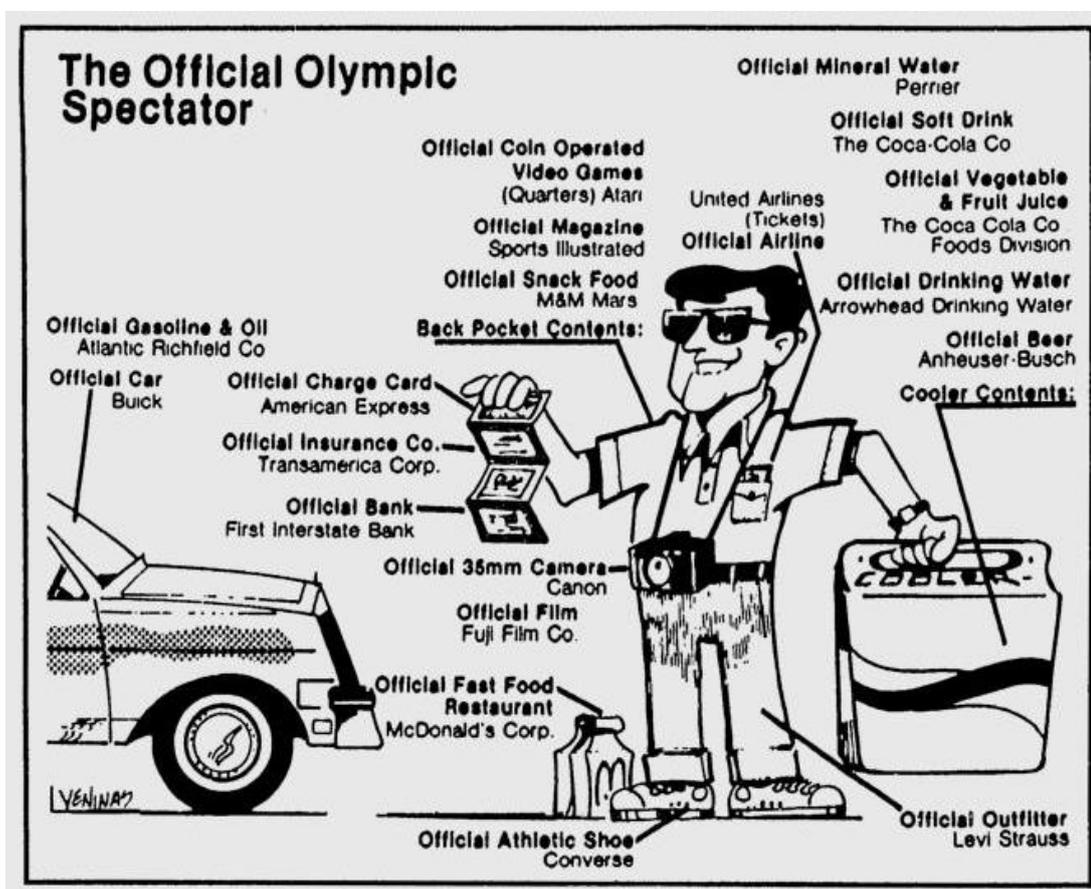


Figura 13 – Charge ironizando a extrema comercialização dos Jogos de Los Angeles.  
Fonte: Clarke (1984)

Segundo Lindsey (1984), "a América capitalista" deu uma lição às próximas cidades-sede em como sediar uma edição os Jogos Olímpicos. Com um novo formato de organização visivelmente rentável, as próximas edições adotaram medidas similares, o que possibilitou a participação de empresas americanas em outros países, e trouxe mais lucros e capital estrangeiro à nação norte-americana.

Os Jogos de Los Angeles foram uma perfeita mostra da capacidade que as Olimpíadas têm em gerar capital, bem como a eficiência do capitalismo em gerar renda. Os EUA souberam explorar seu sistema político-ideológico, e mostrar ao mundo como esse poderia ser extremamente eficiente. A economia do estado da Califórnia, onde se situa Los Angeles, teve um crescimento econômico anual de 9,7%, superando o crescimento da economia do próprio país (WALTERS, 1985).

Assim como em outras edições, Los Angeles-1984 trouxe a tona um sentimento nacionalista. A mascote exaltava a pátria dos EUA, a conquista do primeiro lugar no quadro de medalhas elevava a moral americana e exibia ao mundo seu poder, assim como fizera a URSS, em 1980. Porém, o maior legado das Olimpíadas de Los Angeles à geopolítica dos EUA se encontra no novo modelo de organização que ali estreou. Todo o mundo ficara extasiado com o lucro astronômico que as Olimpíadas renderam, algo muito contrastante com as gigantescas dívidas acumuladas pela vizinha Montreal, oito anos antes. Foi possível mostrar a outros países que, com patrocínios e arrecadações de verba privada, era possível que se lucrasse com o evento, algo que possibilitou que os Estados Unidos, em meio a Guerra Fria, pudessem propagandear que o capitalismo era uma ideologia superior à de seus rivais.

### 3.4 XXIX Jogos Olímpicos de Beijing de 2008



**Figura 14** – Estádio Nacional de Beijing, popularmente conhecido como “Ninho do pássaro”.  
**Fonte:** Wei (2019)

A vigésima nona edição dos Jogos Olímpicos de Verão foi sediada em 2008, na cidade de Beijing, na China. A escolha de Beijing como sede se deu por vários motivos, dentre eles: maior combate ao doping -problema recorrente entre atletas chineses- pelos órgãos que regulam o esporte no país; o excelente resultado em Sydney, com a terceira colocação no quadro geral; e a simpatia que se tinha na época pela China. Essa última, proveniente da reação contida que tiveram após a derrota, por apenas dois votos, no pleito das Olimpíadas de 2000. Mais tarde, descobriu-se que foram pagos, no total, setenta mil dólares a dois delegados de países africanos, para que votassem a favor de Sydney, o que aumentou ainda mais a simpatia para com os chineses (LONGMAN, 2001). Além desses fatores, o crescimento econômico do país e a promessa de investimentos bilionários em instalações esportivas e urbanas contribuíram para a escolha (BBC, 2001).

Desde 1993, a China tenta sediar uma edição dos Jogos Olímpicos de Verão, uma vez que tem pleno conhecimento da importância e das oportunidades diplomáticas que os acompanham, como também dos benefícios que organizar esse evento pode trazer à cidade e, principalmente, ao país (COTTRELL; NELSON, 2010). Para entender melhor as circunstâncias da candidatura e organização dos XXIX Jogos Olímpicos é necessário analisar o contexto histórico, econômico e social da República Popular da China.

Em 1949, com o fim da guerra civil entre os partidos nacionalista e comunista chineses, foi estabelecida a RPC, mas isso não significou o fim do período conturbado que o povo chinês enfrentava. Com um regime autoritário e políticas internas mal sucedidas –a exemplo do Grande Salto Adiante- e que sofreu, de 1966 até meados de 1971, as consequências da Revolução Cultural (apesar de ter sido encerrada oficialmente em 1969), “responsável pelo retrocesso mais severo e por perdas gigantescas sofridas pelo Partido Comunista, pelo país e pelo povo chinês” (USC, 2019) a China teve vários reveses que frearam o crescimento e desenvolvimento do país. É importante mencionar que, durante esse mesmo período, o mundo experienciava a tensa Guerra Fria: EUA e URSS e seus respectivos blocos capitalista e comunista não mantinham boas relações uns com os outros, já que digladiavam em nome de suas alianças e ideologias. Além disso, a China havia rompido com a URSS, ao reivindicar a liderança mundial do comunismo, o que contribuía ainda mais para uma estagnação ou até recessão econômica da China (BECK et al, 2005).

Ao oficializar o fim da Revolução Cultural, em 1969, Mao Zedong e Zhou Enlai, o premier chinês, inicializaram o processo de abertura da China para o mundo. De início, os dois buscaram reatar as relações com os EUA, o que exemplifica muito bem as intenções do governo chinês (HONG; XIAOZHENG, 2002). Porém, essa abertura à comunidade internacional só foi efetivada durante o governo de Deng Xiaoping, que revogou políticas vigentes ainda associadas à Revolução Cultural e instaurou novas políticas econômicas e sociais no país (BECK et al, 2005).

A Reforma Econômica, realizada por Deng Xiaoping em 1978, propiciou um crescimento colossal da economia chinesa (KWARTENG; ATUAHENE, 2018). Ao analisar o período entre 1978 e 2006, percebe-se que a economia chinesa passou a se desenvolver a um ritmo extraordinário, com um crescimento real médio anual de 10%. Neste mesmo espaço de tempo, a população urbana cresceu de 18% para 44%, o que indica uma maior industrialização e modernização do país. Tal desenvolvimento econômico foi essencial também para a redução da miséria na China. De acordo com o Banco Mundial, caracteriza-se extrema pobreza a renda inferior a US\$ 1,90 por dia (apud ONU, 2018). E, durante estes vinte e oito anos, o número de chineses que viviam nessas condições foi reduzido de 490 milhões para 88 milhões de habitantes (NONNENBERG, 2010).

Desde o planejamento dos Jogos, o governo chinês fez promessas de investimentos gigantescos ao COI. Para a criação do parque olímpico, por exemplo, seriam destinados quatorze bilhões de dólares, além de outras obras estruturais e ambientais. No total, estimam-se que foram gastos quarenta e dois bilhões de dólares provenientes de investimentos públicos e privados para a construção dos estádios, complexos esportivos, melhorias no transporte público, além de outros vinte bilhões e meio que foram gastos em projetos ambientais, entre os dez anos que antecederam as Olimpíadas de Beijing (GLOBO, 2008).

A China se autodeclara uma democracia socialista. Um sistema no qual o poder é centrado em uma autoridade - o PCC - que por sua vez é orientado pelo interesse do povo chinês (WONG, 2010). Ao olhar do Partido, isso faz de sua administração democrática, já que representa a vontade do povo (TEETS, 2010, apud WONG, 2010). Entretanto, apesar de denominar-se uma democracia, a China não se enquadra muito bem nos conceitos de um governo democrático, para Minzner (2011), a China é um país autoritário. E de fato, algumas medidas do

governo chinês se adequam perfeitamente aos conceitos de um regime ditatorial, o controle da informação e do uso da internet (KALATHIL; BOAS, 2001), e a recém-extinta política do filho único (mas que ainda estava vigente em 2008), por exemplo, são indícios de uma administração, até certa instância, opressora. A participação popular em eleições governamentais é extremamente controlada, a liberdade de expressão é muitíssimo restrita e manifestações contra o governo, reprimidas (MINZNER, 2011).

Duramente criticada por violações aos direitos humanos, a China buscou melhorar sua imagem internacional a respeito desse tema por meio dos Jogos Olímpicos de Beijing, em 2008, instrumento primordial para atingir esse objetivo. É fato que o governo chinês se preocupa com a opinião externa sobre o assunto, em virtude de ter sofrido duras represálias, após o incidente que ficou conhecido como o Massacre da Praça da Paz Celestial ou Praça Tian'anmen, em 1989. Na época, o país asiático tentava ingressar na Organização Mundial do Comércio (WTO), porém devido ao ocorrido, sua aceitação na instituição foi retardada e só aconteceu em 11 de dezembro de 2001 (NAUGHTON, 2007).

A publicação de vários documentos oficiais, informando a toda comunidade internacional sobre as políticas públicas chinesas em diversas áreas como o meio ambiente e os Direitos Humanos, demonstra que existe uma grande preocupação em relação às informações que viajam o globo a respeito destes temas polêmicos. Documentos como esses são publicados com a intenção de explicar aos outros países a posição do governo chinês em relação a questões delicadas, representando um distanciamento do passado, quando o país desconsiderava as críticas advindas de outras nações (WANG, 2003). Não obstante, a China negou várias acusações de desrespeitarem os direitos fundamentais do ser humano bem como alegou, em 2004, em um desses documentos oficiais, ser um país em desenvolvimento e que os direitos humanos estão também em um processo de desenvolvimento sustentável. Em contrapartida, disponibilizou nesse mesmo arquivo todas as medidas realizadas em prol dos direitos humanos e, segundo o governo chinês, o Estado tem promovido obstinadamente a educação, a ciência, a cultura, a saúde e o esporte (CHINA, 2005). Para professor de Harvard, Anthony Saich (2008), a forma com a qual o país administrará os Jogos e lidará com a imprensa internacional será determinante para a construção de uma imagem positiva da nação, e moldará a opinião mundial a seu respeito (apud ZONG, 2008).

Desde sua candidatura, a China manejava meticulosamente a questão dos direitos humanos, ao argumentar que, a realização dos Jogos Olímpicos em Beijing, faria a situação dos direitos básicos de cada cidadão melhorar (WANG, 2003). Em 2003, o PCC engendrou uma nova teoria que condizia com a imagem nacional que desejavam difundir, e também com o recém-cunhado conceito da *Ascensão Pacífica da China*, que caracteriza o país como um ator global responsável e pacífico (PATHAK, 2015). Concatenado a essa filosofia, utilizaram as Olimpíadas para amplificar e melhorar a percepção e a aceitação dos produtos chineses no mercado estrangeiro. O governo chinês direcionava a propaganda ao exterior do país, publicitando sua cultura e sua economia (BRADY, 2009).

Nesta citação, retirada do Neibu Tongxin número 15, de 2007 –uma publicação confidencial do Departamento Central de Propaganda da China- fica nítido que o governo chinês tinha total consciência do potencial propagador desse megaevento esportivo:

“Acertar na propaganda das olimpíadas será bom para o ambiente doméstico e internacional da China; se as propagandas tiverem um objetivo claro, então a força nacional da China continuará crescendo, e as massas nos darão amplo apoio.”

E em outra ocasião, um representante do BOCOG afirmou que “as Olimpíadas são um divisor de águas na estratégia de promover uma imagem nacional” (apud BRADY, 2009). Percebe-se que o uso estratégico das Olimpíadas como veículo propagandístico sempre fez parte das intenções do governo chinês, e quiçá, tenha sido essa sua maior função.



**Figura 125** – Atletas campeãs do Wushu receberam as medalhas olímpicas; foco na fita com a inscrição Beijing 2008.  
**Fonte:** IWUF (2018)

Várias evidências apontam que a China utilizou as Olimpíadas de Beijing como ferramenta geopolítica, entre elas destaca-se a realização do Campeonato Mundial de Wushu no decorrer dos Jogos. Normalmente, o COI não permite que nenhum outro torneio aconteça simultaneamente às Olimpíadas, porém, pela primeira vez, abriu-se uma exceção. Foi aprovado a realização do Campeonato Mundial de Wushu, organizado pelo próprio BOCOG em conjunto com o IWUF e com a CWA (MACLEOD, 2008). Os atletas ficaram alojados na vila olímpica e o torneio aconteceu no Ginásio Central de Esportes Olímpicos, durante os últimos dias da décima nona edição dos Jogos, de 21 a 24 de Agosto, (BAKER, 2008) deixando óbvia a intenção de associar um ao outro. Inclusive, no site do BOCOG, o Wushu consta na lista de pictogramas (ícones gráficos que representam as modalidades olímpicas) junto com todos os esportes olímpicos. Segundo Wang Xiaolin (2008), secretário Geral da Federação Internacional de Wushu, o Kung Fu têm milhares de anos de história e permite que os estrangeiros adquiram uma compreensão mais profunda da cultura chinesa. Além disso, Wang destaca que o apoio do COI ao campeonato demonstra a todos que o Comitê Internacional respeita a cultura



**Figura 16** – Atleta de Wushu durante a competição.  
**Fonte:** Yanzhen e Lihang (2008)

chinesa (BOCOG, 2008). Com exceção dos anéis olímpicos, trocados pelo emblema oficial da IWUF (Figura 16), outros elementos foram idênticos aos dos Jogos, como, por exemplo, as medalhas e a cerimônia de entrega das mesmas (Figuras 15 e 17). O fato de se realizar a competição simultaneamente às Olimpíadas ampliou o alcance e potencial de sua divulgação, algo bastante desejado pelos chineses, uma vez que buscavam exportar uma imagem positiva sobre a China.

A China desejava mostrar ao mundo sua força e poder, e uma maneira de fazê-lo seria conquistar a primeira colocação no quadro de medalhas, seu principal objetivo na competição. É costumeiro que os façam esta associação entre poder e resultado esportivo, utilizando-a para fortalecer-se no âmbito diplomático internacional (BERGSGARD et al., 2007), como foi observado em outras ocasiões

históricas. Este tipo de confluência se caracteriza como um *soft power*, uma maneira de fazer seu poder aparentar legítimo aos olhos dos outros (NYE, 1990), dessa forma, as nações podem demonstrar sua força sem a necessidade de um combate militar, obtendo os mesmos resultados. Segundo Nye (1990), essa é a maneira com a qual a geopolítica mundial se comportaria com o fim da guerra-fria, maneira essa que perdura até hoje.

“Os chineses aprenderam [...] que esporte e política são inseparáveis. Os atletas carregam uma responsabilidade enorme. Eles são nossos embaixadores políticos.”, essa declaração do ex-ministro do esporte da China, Wu Shaozu, (HONG; XIAOZHENG, 2002) comprova a seriedade com a qual o governo chinês



**Figura 17** – Presidente do COI, Jacques Rogge, entrega a medalha de ouro olímpica à atleta campeã de Wushu.  
**Fonte:** IWUF (2018)

lida com seus atletas e a relevância que seus respectivos resultados possuem. Consequentemente, os atletas chineses sofreram duras cobranças do governo, como é possível observar nesta entrevista concedida pelo técnico Sun Haiping, relatando a declaração dada a ele pelo governo chinês a respeito de seu atleta, Liu Xiang -o primeiro chinês a obter uma medalha de ouro no atletismo-: “Caso Liu não obtenha a medalha de ouro em Beijing, todas as suas conquistas prévias tornar-se-ão irrelevantes” (apud PURDY, 2008).

Tamanha pressão psicológica ganhou proporções ainda maiores com a aproximação e início dos Jogos. Nos centros de treinamento foram fixados cartazes que continham dizeres, em teoria, motivacionais, mas que na verdade tinham uma conotação imperativa, de imposição. Estes bordões figuravam os centros de treinamento das equipes de ginástica e de tiro esportivo, respectivamente: “Líderes pressionam, subordinados pressionam. Pressionem uns aos outros. Pressionem a si mesmos. Não haverá progresso se um não enfrentar as mais difíceis adversidades; não haverá um campeão se um não superar a pressão final.” “Morra na luta pelo ouro ao invés de sobreviver apenas para participar” (QIANG, 2008). Adicionalmente, segundo o técnico de tiro esportivo, Wang Yifu, uma reunião emergencial foi

estipulada com os atletas com a finalidade de aliviar um pouco a pressão e tensão psicológica, todavia o encontro também tinha outro escopo: “melhorar os resultados e obter mais medalhas de ouro.” (MAGNIER, 2008). Ao final dos Jogos, a China terminou em primeiro lugar no quadro de medalhas, com a incrível marca de cinquenta e um ouros, quinze a mais do que o segundo colocado, os Estados Unidos. Ao quebrar o recorde de maior número de medalhas de ouro em uma só edição, a China colocou-se em evidencia e todo o mundo voltou seus olhares ao dragão asiático, reconhecendo seus resultados e também seu poder.

Após anos difíceis, marcados por repressão, subdesenvolvimento, pobreza, fome e guerras, a China emergiu como superpotência e, assim como outras nações, usou os Jogos Olímpicos como vitrine do país, a fim de mostrar ao mundo sua força (COTTRELL; NELSON, 2010). Durante a conferência de imprensa que antecede a cerimônia de encerramento, o presidente do COI, Jacques Rogge, destacou a exposição benéfica que a China teve devido aos Jogos. Segundo ele, o evento fortaleceu a relação entre a comunidade internacional e a China, o mundo conheceu mais sobre a China e a China, sobre o mundo, o que trará bons frutos em longo prazo (PEOPLE'S DAILY ONLINE, 2008).

Beijing 2008 foi um caso marcante. O governo chinês sempre esteve ciente das implicações que sediar esse megaevento trariam, assim como o quão proveitoso poderia ser ao país. Desde o pleito até o encerramento do evento, a China planejou todas as medidas a serem tomadas e, orquestrou o sucesso esportivo, a identidade, união e força nacionais à repercussão e divulgação internacional. Direcionou os olhares do planeta aos pontos que mais desejava destacar e utilizou as Olimpíadas para engrandecer a nação, atrair investidores, incentivar ainda mais a economia e, demonstrar o poder da mais nova potência mundial.



**Figura 18** – Oficial chinês a frente do Estádio Nacional durante a cerimônia de abertura  
**Fonte:** Kishimoto e IOC (2008)

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a uma crescente onda nacionalista que dividia os países europeus, Pierre de Coubertin idealizou uma competição universal, baseada nos princípios do internacionalismo, que tinha como finalidade unir todas as nações sob uma única bandeira. Os Jogos Olímpicos deveriam promover o Olimpismo e a participação esportiva, além de desenvolver o esporte. Assim, a utilização das Olimpíadas para fins políticos se opõe completamente aos ideais olímpicos.

Segundo a Carta Olímpica, estatuto que rege as ações do Comitê Olímpico, é dever do COI manter a competição livre de influências políticas e comerciais (IOC, 2019). Dessa forma, a ostensiva promoção do estado chinês, o caso dos boicotes das Olimpíadas de Moscou e de Los Angeles, além da comercialização exacerbada dessa última, configuram alguns casos onde se pode afirmar que a Carta Olímpica foi infringida. Nos exemplos citados a cima, os países atribuíram valores políticos e comerciais ao torneio, e o COI limitou-se a apenas criticar estas ações, sendo, até certo ponto conivente, já que nenhuma medida foi aplicada. O documento ainda prega que o COI deve ser contra quaisquer formas de discriminação, apoiando a igualdade entre sexos e povos, além de promover a paz por meio do esporte. As Olimpíadas de Berlim, portanto, violam muitos dos princípios do Olimpismo bem como os regimentos da Carta Olímpica. Os nazistas a utilizaram como promoção política e ideológica, pregando superioridade racial e nacional, além de exaltar e exibir o poderio militar da Alemanha. Para tanto, Baillet-Latour, o então presidente do COI, pouco fez, podendo se afirmar, ainda, que o presidente simpatizava com o regime. Percebe-se que o COI não possui a influência necessária para impedir que o torneio seja permeado por ideais políticos e para isso utilizado. No entanto, o Comitê Olímpico tem se demonstrado mais rígido para com esses assuntos, já que até recentemente, era bastante conivente com a exploração política dos Jogos.

Em síntese, apesar de no papel ser uma competição apolítica, os Jogos Olímpicos são efetivamente politizados. Os países-sede a muito se beneficiam do torneio, pois entendem que nos Jogos Olímpicos há uma manifestação da ordem política mundial, o que os torna uma valiosa ferramenta geopolítica. Atualmente, essa utilização dos Jogos Olímpicos é um pouco mais sutil do que fora em 1936 ou durante a Guerra Fria, permitindo um uso contínuo das Olimpíadas para tais fins, sem que haja maiores prejuízos ao Movimento Olímpico. No entanto, a busca

assídua pelos melhores resultados possíveis ameaça a legitimidade do campeonato. Os recentes escândalos de doping denigrem a imagem das Olimpíadas, e corrompem o ideal de justiça inserido no esporte. Isso acarreta em uma desvalorização dos Jogos e no desinteresse do público pelo torneio, o que por sua vez levaria ao enfraquecimento do Movimento Olímpico, e a possível extinção dos Jogos Olímpicos da forma que se apresenta hoje.

Com base nos resultados foi possível concluir que, em diferentes períodos e momentos da história, os Jogos Olímpicos Modernos foram utilizados pelos países-sede como ferramenta geopolítica a fim de promover uma ideologia, divulgar imagens positivas do país assim como seu poderio militar e/ou econômico, ganhar prestígio diplomático e internacional, além de exaltar o sentimento nacionalista e patriótico provocando maior união da nação.

Foi possível observar que a Alemanha transformou os Jogos Olímpicos em um megaevento esportivo muito valioso. As repercussões positivas que tiveram o torneio e toda sua organização evidenciaram que era possível usar um megaevento esportivo para tais fins. O sucesso obtido na edição de 1936, que buscava reafirmar a Alemanha como potência europeia e que influenciou bastante nos eventos que ocorreriam a seguir, em 1938, mostrou que, caso fossem executados da maneira correta, os Jogos Olímpicos forneciam várias possibilidades ao país-sede de se beneficiar com o evento. A URSS então fez das Olimpíadas um excelentíssimo divulgador da ideologia comunista, bem como um meio de se aproximar do público estrangeiro e criar uma imagem positiva do país além de demonstrar seu poder como nação. Imersa nesse mesmo contexto da Guerra-Fria, os EUA fizeram de Los Angeles, 1984, um *show-case* do capitalismo, também buscando provar a superioridade de sua ideologia política e de seu país em um mundo disputado por duas superpotências. No início do século XXI a China buscou nas Olimpíadas a sua oportunidade de atrair maiores investidores e melhorar seu comércio, bem como angariar prestígio e respeito da comunidade global. A China surgiu como um terceiro núcleo de poder e encontrou nos Jogos Olímpicos um meio de autopromoção, assim como já haviam feito há quase um século antes.

Assim, esse trabalho busca contribuir para a área da gestão do esporte, ao destacar as relações de poder que os países-sede estabelecem com as Olimpíadas, e como as utilizam como ferramenta geopolítica. Destaca-se também o poder do esporte, capaz de influenciar desde a educação de cada ser humano, até a

diplomacia e as disputas de poder entre nações de todo o mundo. Uma limitação do trabalho foi a análise de apenas quatro edições dos Jogos, o que poderá ser complementado futuramente, ao incluir-se mais edições, possibilitando a contextualização de toda a história dos Jogos Olímpicos Modernos aos movimentos políticos e econômicos da humanidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADEO, Kimberly. **The Economic Impact of World War II**. 2019. The Balance. Disponível em: <<https://www.thebalance.com/world-war-ii-economic-impact-4570917>>. Acesso em: 19 out. 2019.

BAIRNER, Alan; MOLNAR, Gyozo (Ed.). **The Politics of the Olympics: A Survey**. 2. ed. London And New York: Routledge, 2010. 439 p.

BAKER, Andrew. Slower, lower, weaker: Wushu contest cuts a dash at the same time as Beijing Olympics: An alternative dose of the latest goings on at the Beijing Olympics. **The Telegraph**. [London]. 08 Aug. 2008. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/sport/olympics/2522116/Slower-lower-weaker-Wushu-contest-cuts-a-dash-at-the-same-time-as-Beijing-Olympics.html>>. Acesso em: 05 out. 2019.

BBC. **Pequim será a sede das Olimpíadas de 2008**. 2001. BBC Brasil. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2001/010713\\_pequimdefinicao2.shtml](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2001/010713_pequimdefinicao2.shtml)>. Acesso em: 05 out. 2019.

BECK, Roger B. et al. **World History: Patterns of Interaction**. Evanston, IL: Houghton Mifflin Harcourt Pub. Co, 2005. 1105 p.

BERGSGARD, Nils Asle et al. **Sport Policy: A Comparative Analysis of Stability and Change**. Oxford: Butterworth-Heinemann, Elsevier, 2007. 304 p.

BIRCHALL, Frederick T.. 100,000 Hail Hitler; U.S. Athletes Avoid Nazi Salute to Him. **The New York Times**. Berlim, p. 1-1. 1 Aug. 1934. Disponível em: <<http://movies2.nytimes.com/learning/general/onthisday/big/0801.html>>. Acesso em: 26 out. 2019.

BOCOG (China). The Beijing Organizing Committee For The Games Of The XXIX Olympiad. **The Official Website of the Beijing 2008 Olympic Games: Competition Information.** 2008. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20080810060822/http://results.beijing2008.cn/WRM/ENG/BCK/index.shtml>>. Acesso em: 06 out. 2019.

BOCOG (China). The Beijing Organizing Committee For The Games Of The XXIX Olympiad. **The Official Website of the Beijing 2008 Olympic Games: Competition information - Wushu Tournament Beijing 2008 to take place during the Olympics.** [2008]. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20080810123700/http://results.beijing2008.cn/WRM/ENG/BCK/WS/47929.shtml>>. Acesso em: 06 out. 2019.

BOYKOFF, Jules. **Celebration Capitalism and the Olympic Games.** 1st. ed. Oxford: Routledge, 2014. 174 p.

BRADY, Anne-marie. The Beijing Olympics as a Campaign of Mass Distraction. **The China Quarterly**, [Cambridge], v. 197, p.1-24, 30 Mar. 2009. Cambridge University Press (CUP).

BURNS, John F.. Moscow Will Keep Its Team From Los Angeles Olympics; Tass Cites Peril, U.S. Denies It; Protests Are Issue. **The New York Times.** New York, 09 may 1984. Section A, p. 1-1. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1984/05/09/world/moscow-will-keep-its-team-los-angeles-olympics-tass-cites-peril-us-denies-it.html>>. Acesso em: 18 out. 2019.

CHINA. Secretaria de Informação do Conselho de Estado. **China's Progress in Human Rights in 2004,** Beijing, Apr. 2005. Disponível em: <[http://www.gov.cn/english/official/2005-07/28/content\\_18115.htm](http://www.gov.cn/english/official/2005-07/28/content_18115.htm)>. Acesso em: 05 out. 2019.

CLARKE, Norm. It's official: Sponsors Help Pay for the Olympics. **The Spokesman-review**. Spokane, 7 Apr. 1984. Sports, p. 18-18. Disponível em: <<https://news.google.com/newspapers?id=8FdWAAAAIBAJ&sjid=7-4DAAAIAAJ&pg=6520%2C4188033>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

COTTRELL, M. Patrick; NELSON, Travis. Not just the Games? Power, protest and politics at the Olympics. **European Journal of International Relations**, [S.L.], v. 17, n. 4, p.729-753, 7 Dec. 2010. SAGE Publications.

DEUTSCHES TECHNIKMUSEUM (Germany). **Technology for Hitler's Olympics**: The 1936 Olympic Games as a Testing Ground for New Media. 2016. Disponível em: <<https://sdtb.de/museum-of-technology/exhibitions/2575/>>. Acesso em: 16 out. 2019.

EARLY TELEVISION MUSEUM (USA). **Early Electronic Television**: The 1936 Berlin Olympics. Disponível em: <[https://www.earlytelevision.org/olympics\\_1936.html](https://www.earlytelevision.org/olympics_1936.html)>. Acesso em: 14 out. 2019.

ENGLISH RUSSIA. **Bear Misha - The Olympic Mascot 1980**. 2010. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20120621202453/http://englishrussia.com/2010/07/15/bear-misha-the-olympic-mascot-1980/>>. Acesso em: 17 out. 2019.

ESPN STAFF. **Berlin 1936 - Medal Table**. 2012. ESPN. Disponível em: <<http://en.espn.co.uk/espn/sport/story/142352.html>>. Acesso em: 14 out. 2019.

FRENCH, Howard Waring. China Presses Injured Athletes in Quest for Gold. **The New York Times**. [New York], 20 June 2008. Asia Pacific. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2008/06/20/world/asia/20olympics.html>>. Acesso em: 06 out. 2019.

FÜRSTENAU, Marcel. Treaty of Versailles 100 years on: A fragile peace and a fraught legacy. **Deutsche Welle**. [Bonn], 28 June 2019. Disponível em: <<https://www.dw.com/en/treaty-of-versailles-100-years-on-a-fragile-peace-and-a-fraught-legacy/a-49368146>>. Acesso em: 14 out. 2019.

GAVIN, Philip. **Triumph of Hitler: The Berlin Olympics**. 2001. The History Place. Disponível em: <<http://www.historyplace.com/worldwar2/triumph/tr-olympics.htm>>. Acesso em: 14 out. 2019.

GETTY IMAGES. **Uncle Sam**. 1950. Disponível em: <<https://www.gettyimages.com/detail/news-photo/propaganda-poster-features-the-headline-why-we-fight-for-news-photo/107808196?adppopup=true>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

GETTY IMAGES; DUFFY, Tony. **General view of the Opening ceremonies of the 1980 Summer Olympic Games**. 1980. Getty Images Sport Classic. Disponível em: <<https://www.gettyimages.com/detail/news-photo/general-view-of-the-opening-ceremonies-of-the-1980-summer-news-photo/51075725?adppopup=true>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

GETTY IMAGES; DUFFY, Tony. **Sam, the Olympic Eagle**. 1984. Disponível em: <<https://www.gettyimages.com/detail/news-photo/sam-the-eagle-the-mascot-of-the-1984-los-angeles-olympics-news-photo/1237578?adppopup=true>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

GETTY IMAGES; NCAA PHOTOS. **Rafer Johnson lights the Olympic flame**. 1984. Disponível em: <<https://www.gettyimages.com/detail/news-photo/rafer-johnson-lights-the-olympic-flame-at-the-opening-news-photo/640827434?adppopup=true>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

GLOBO (Comp.). **Olimpíada 'mais cara da história' é pouco polêmica na China**: Gastos superam a marca de US\$ 42 bilhões, mais que o dobro do investido em Atenas. 2008. G1.Globo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL710728-15913,00-OLIMPIADA+MAIS+CARA+DA+HISTORIA+E+POUCO+POLEMICA+NA+CHINA.html>>. Acesso em: 05 out. 2019.

GOTTLIEB, Moshe. The American Controversy Over the Olympic Games. **American Jewish Historical Quarterly**, [S.L.], v. 61, n. 3, p.181-213, Mar. 1972. Trimestral. The Johns Hopkins University Press.

GREEN, Mick; HOULIHAN, Barrie. **Elite sport development: Policy learning and political priorities**. 1st ed. London: Routledge, 2005. 240 p.

GUNEEV, Sergey. **Misha Tear Drop**. 1980. Disponível em: <<https://www.wikiwand.com/en/Misha>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

HANSEN, Lauren. **When Nazi Germany hosted the Summer Olympics**: Eighty years ago, Adolf Hitler welcomed the world to see the "New Germany". 2016. Disponível em: <<https://theweek.com/captured/640037/when-nazi-germany-hosted-summer-olympics>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

HARAZIM, Dorrit. **Moscou-1980, a Olimpíada do boicote ocidental e do ursinho Misha**. 2016. O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/moscou-1980-olimpiada-do-boicote-ocidental-do-ursinho-misha-19433922>>. Acesso em: 20 out. 2019.

HAZAN, Baruch. **Olympic Sports and the Propaganda Games**: Moscow 1980. New Brunswick, NJ: Transaction Books, 1982. 218 p.

HECK, Sandra. "A Blond, Broad-shouldered Athlete with Bright Grey-blue Eyes": German Propaganda and Gotthardt Handrick's Victory in Modern Pentathlon at the Nazis' Olympics in 1936. **Journal Of Sport History**, Bochum, v. 38, n. 2, p.255-274, Summer 2011. Trimestral. Ruhr-University Bochum; University of Illinois Press.

HIRTHLER, George. **Celebrating Pierre de Coubertin: The French Genius of Sport Who Founded the Modern Olympic Games**. 2019. IOC. Disponível em: <<https://www.olympic.org/news/celebrating-pierre-de-coubertin-the-french-genius-of-sport-who-founded-the-modern-olympic-games>>. Acesso em: 30 set. 2019.

HONG, Fan; XIAOZHENG, Xiong. Communist China: Sport, Politics and Diplomacy. **The International Journal Of The History Of Sport**, [S.L.], v. 19, n. 2-3, p.319-342, 04 Dec. 2002.

HOULIHAN, Barrie. Politics and Sport. **The Blackwell Encyclopedia Of Sociology**, [S.L.], p.1-5, 1 Aug. 2016. John Wiley & Sons, Ltd. <http://dx.doi.org/10.1002/9781405165518.wbeosp045.pub2>.

HOULIHAN, Barrie; GREEN, Mick. **Comparative Elite Sport Development: systems, structures and public policy**. 1st ed. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2007. 320 p.

HOW THE USA AND THE USSR BOYCOTTED THE OLYMPICS. 2018. Disponível em: <<https://zen.yandex.ru/media/cyrillitsa.ru/kak-ssha-i-sssr-boikotirovali-olimpiady-5a86c463a936f4a4f6430eb6>>. Acesso em: 20 out. 2019.

HUNT, Thomas Mitchell. **Drug Games: The International Politics of Doping and the Olympic Movement, 1960-2007**. 2007. 240 f. Thesis (Doutorado) - Doctor Of Philosophy, Faculty Of The Graduate School, The University Of Texas, Austin.

IOC (Switzerland). International Olympic Committee. **Olympic Charter**. Lausanne: International Olympic Committee, 2019. 103 p.

IOC (Switzerland). International Olympic Committee. **Olympic Games**. [2019]. Disponível em: <<https://www.olympic.org/olympic-games>>. Acesso em: 29 set. 2019.

IOC (Switzerland). International Olympic Committee. **Olympic Values & Ideals: Olympism in Action**. [2019]. Disponível em: <<https://www.olympic.org/the-ioc/promote-olympism>>. Acesso em: 29 set. 2019.

IOC (Switzerland). International Olympic Committee. **Pierre de Coubertin: The Visionary Founder of the Modern Olympic Games**. [2019]. Disponível em: <<https://www.olympic.org/pierre-de-coubertin>>. Acesso em: 30 set. 2019.

IOC (Switzerland). International Olympic Committee. **Winter Games Given Stamp of Approval.** [2019]. Disponível em: <<https://www.olympic.org/news/winter-games-given-stamp-of-approval>>. Acesso em: 01 out. 2019.

IOC (Switzerland). **1936 Olympics - Berlin Summer Olympic Games.** [2019]. Comitê Olímpico Internacional. Disponível em: <<https://www.olympic.org/berlin-1936>>. Acesso em: 14 out. 2019.

IWUF. **IWUF's Path to the Olympics.** 2018. Disponível em: <<http://www.iwuf.org/competitions/iwuf-path-to-olympics/>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

KALATHIL, Shanthy; BOAS, Taylor C.. The Internet and state control in authoritarian regimes: China, Cuba and the counterrevolution. **First Monday**, [Chicago], v. 6, n. 8, 6 Aug. 2001. University of Illinois Libraries. <http://dx.doi.org/10.5210/fm.v6i8.876>. Disponível em: <<https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/876/785>>. Acesso em: 05 out. 2019.

KANET, Roger E.. **The Soviet Union, Eastern Europe and the Third World.** Cambridge: Cambridge University Press (cup), 1987. 233 p.

KISHIMOTO, Tsutomu; IOC. **2008 Beijing Olympic Games Opening Ceremony.** 2008. Disponível em: <<http://archivepyc.nbcolympics.com/gallery/look-back-beijings-2008-opening-ceremony>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

KORKIS, Jim. **Olympic Mascot Sam the Eagle.** 2013. Disponível em: <[https://www.mouseplanet.com/10392/Olympic\\_Mascot\\_Sam\\_the\\_Eagle](https://www.mouseplanet.com/10392/Olympic_Mascot_Sam_the_Eagle)>. Acesso em: 20 out. 2019.

KWARTENG, Abdul Hamid; ATUAHENE, Emmanuel. The Rise of China: The Emergence of a Bipolar Superpower and the Implication for the Future of International Law. **Asian Research Journal Of Arts & Social Sciences**, [S.L.], v. 6, n. 3, p.1-12, 6 Apr. 2018

LAOOC (USA). Los Angeles Official Organizing Committee **Official Report of the Games of the XXIIIrd Olympiad, Los Angeles, 1984**. Los Angeles: La84 Foundation, 1985. 888 p.

LARGE, David Clay. **Nazi Games: The Olympics of 1936**. 1st. ed. New York: W. W. Norton & Company, 2007. 416 p.

LINDSEY, Robert. Success of Games in Los Angeles Likely to Change Future Olympics. **The New York Times**. New York, 12 Aug. 1984. Section A, p. 1-1. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1984/08/12/sports/success-of-games-in-los-angeles-likely-to-change-future-olympics.html?pagewanted=all>>. Acesso em: 26 out. 2019.

LONGMAN, Jere. OLYMPICS; Beijing Wins Bid for 2008 Olympic Games. **The New York Times**. [New York], 14 July 2001. Section A, p. 1-1. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2001/07/14/sports/olympics-beijing-wins-bid-for-2008-olympic-games.html>>. Acesso em: 05 out. 2019.

MACLEOD, Calum. Kung-fu makes Olympic showcase debut. **Usa Today**. [S.L.]. 21 Aug. 2008. Disponível em: <[http://usatoday30.usatoday.com/sports/olympics/beijing/fight/2008-08-21-wushu\\_N.htm](http://usatoday30.usatoday.com/sports/olympics/beijing/fight/2008-08-21-wushu_N.htm)>. Acesso em: 05 out. 2019.

MAD ON COLLECTIONS (Comp.). **Moscow Olympics 1980 USSR Misha**. 1979. Disponível em: <<https://madoncollections.com/collectables/the-trade-archive/trade-gallery/item-of-interest-sold/1250617-posters-sport>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

MAGNIER, Mark. China's drive for gold weighs on its athletes. **Los Angeles Times**. Los Angeles. 05 Aug. 2008. Disponível em: <<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2008-aug-10-fg-psychology10-story.html>>. Acesso em: 06 out. 2019.

MANVELL, Roger; FRAENKEL, Heinrich. **Doctor Goebbels: His Life and Death**. Barnsley: Frontline Books, 2010. 329 p.

MINZNER, Carl F.. China (Country Report) in Countries at the Crossroads 2011: A Survey of Democratic Governance. **Freedom House And Lanham, Md**, Washington, v. 1, n. 1, p.1-20, 03 Nov. 2011. Rowman & Littlefield Publishers. Disponível em: <[https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1958167](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1958167)>. Acesso em: 05 out. 2019

MORAES, Antonio Carlos Robert - **Ratzel e a Antropogeografia. Geografia - Pequena História Crítica**. São Paulo: Hucitec, 1981, p. 59.

MURRAY, Stuart; PIGMAN, Geoffrey Allen. Mapping the relationship between international sport and diplomacy. **Sport In Society**, [S.L.], v. 17, n. 9, p.1098-1118, 18 Nov. 2013. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/17430437.2013.856616>.

NAUGHTON, Barry. **The Chinese Economy: Transitions and Growth**. Cambridge, MA: The Mit Press, 2007. 505 p

NONNENBERG, Marcelo José Braga. China: estabilidade e crescimento econômico. **Revista de Economia Política**, [S.L.], v. 30, n. 2, p.201-218, jun. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-31572010000200002>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31572010000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572010000200002)>. Acesso em: 05 out. 2019.

NYE, Joseph S.. Soft Power. **Foreign Policy**, [S.L.], v. 80, Twentieth Anniversary, p.153-171, Autumn 1990. Washington Post Newsweek Interactive, LLC.

NYNKA, Andrew. Ukrainian scientist details secret Soviet research project on steroids. **The Ukrainian Weekly**. Parsippany, p. 1-1. 9 Nov. 2003. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20040923180327/http://www.ukrweekly.com/Archive/2003/450319.shtml>>. Acesso em: 22 out. 2019.

Ó TUATHAIL, Gearóid; DALBY, Simon; ROUTLEDGE, Paul (Ed.). **The Geopolitics Reader**. 1st. ed. London And New York: Routledge, 1998. 316 p.

OCOG-80 (URSS). Organising Committee of the Games of the XXII Olympiad. **Games of the XXII Olympiad**. Moscow: Fizkultura I Sport Publishers, 1981. 534 p.

OLYMPIA. Direção de Leni Reifenstahl. Produção de Leni Reifenstahl. Música: Herbert Windt; Walter Gronostay. Berlim: Olympia-Film, 1938. 2 videocassete (226 min.), VHS, son., P&B.

ÖNB. ÖSTERREICHISCHE NATIONALBIBLIOTHEK - (Comp.). **Deutsches Reichsgesetzblatt Teil I 1867-1945**. 2011. Historische Rechts-und Gesetzestexte Online. Disponível em: <<http://alex.onb.ac.at/cgi-content/alex?apm=0&aid=dra&datum=1933>>. Acesso em: 05 out. 2019.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Banco Mundial: quase metade da população global vive abaixo da linha da pobreza**. 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/banco-mundial-quase-metade-da-populacao-global-vive-abaixo-da-linha-da-pobreza/>>. Acesso em: 05 out. 2019.

OSTROW, Joel M. (Ed.). **Politics in Russia: a Reader**. Los Angeles: CQ Press, 2013. 488 p.

PATHAK, Sriparna. **The “Peace” in China’s Peaceful Rise**. 2015. E-International Relations. Disponível em: <<https://www.e-ir.info/2015/10/15/the-peace-in-chinas-peaceful-rise/>>. Acesso em: 05 out. 2019.

PEOPLE'S DAILY ONLINE. Comitê Central do Partido Comunista da China. **Rogge: Olympics enhances mutual understanding between China and rest of world**. 2008. Elaborado pela República Popular da China. Disponível em: <<http://en.people.cn/90002/6485115.html>>. Acesso em: 03 out. 2019.

PIPERNO, F. **Jogada Política no Esporte: O confronto entre os jogos políticos e os esportes olímpicos**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2016.

PURDY, Mark. For Chinese athletes, huge expectations. **The Mercury News**. San Jose, p. 1-1. 08 Aug. 2008. Disponível em: <<https://www.mercurynews.com/2008/08/08/purdy-for-chinese-athletes-huge-expectations/>>. Acesso em: 06 out. 2019

QIANG, Xiao. **Training Slogans for Chinese Olympians**. 2008. China Digital Times. Disponível em: <<https://chinadigitaltimes.net/2008/08/photos-gymnastics-training-slogan/>>. Acesso em: 06 out. 2019.

RUBIO, Kátia. (Org.). **Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

RUBIO, Kátia. Jogos Olímpicos da Era Moderna: Uma Proposta de Periodização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [São Paulo], v. 24, n. 1, p.55-68, mar. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1807-55092010000100006>.

RUIZ, Rebecca R.. **The Soviet Doping Plan: Document Reveals Illicit Approach to '84 Olympics**. 2016. The New York Times. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/08/14/sports/olympics/soviet-doping-plan-russia-rio-games.html>>. Acesso em: 18 out. 2019.

SEMYORKA, Russkaya. **7 things you probably didn't know about the Soviet war in Afghanistan**. 2017. Disponível em: <[https://www.rbth.com/international/2017/01/12/7-things-you-probably-didnt-know-about-the-soviet-war-in-afghanistan\\_678758](https://www.rbth.com/international/2017/01/12/7-things-you-probably-didnt-know-about-the-soviet-war-in-afghanistan_678758)>. Acesso em: 17 out. 2019.

SIMKIN, John. **Versailles Treaty**. 1997. Atualizado em novembro de 2017. Disponível em: <<https://spartacus-educational.com/FWWversailles.htm>>. Acesso em: 13 out. 2019.

SINELSCHIKOVA, Yekaterina. **How the Bear Became the Symbol of Russia**. 2019. Russia Beyond. Disponível em: <<https://www.rbth.com/history/330484-russian-bear-became-symbol>>. Acesso em: 30 out. 2019.

SMITH, Terence. The President Said Nyet. **The New York Times**. New York, p. 1-1. 20 Jan. 1980. Disponível em: <[http://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/packages/html/sports/year\\_in\\_sports/01.20.html?scp=1&sq=president%2520carter&st=Search](http://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/packages/html/sports/year_in_sports/01.20.html?scp=1&sq=president%2520carter&st=Search)>. Acesso em: 28 out. 2019.

SPORTV.COM. **Criador de mascote dos Jogos de 80 lembra sucesso: 'Amaram meu Misha'**. 2013. Redação Sportv. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2013/08/criador-de-mascote-dos-jogos-de-80-lembra-sucesso-amaram-meu-misha.html>>. Acesso em: 14 out. 2019.

STAROBINAS, João Carlos Assumpção Marcelo. EUA premiaram ditaduras pelo boicote a Moscou-80. **Folha de São Paulo**. [São Paulo], 08 set. 2002. Esportes, p. 1-1. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0809200202.htm>>. Acesso em: 26 out. 2019.

SYTKOWSKI, Arthur J.. **Erythropoietin: Blood, Brain and Beyond**. Boston, Ma: John Wiley & Sons, 2004. 237 p.

THACKER, Toby. **Joseph Goebbels: Life and Death**. 1st. ed. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2009. 407 p.

USA. U.S. DEPARTMENT OF STATE. . **OLYMPICS: LAUSANNE IOC EXCOM MEETING**. Bern: XXXX, 1980. 3 p. Doc No. C05164080 Disclassified in 09/17/2012.

USC (USA). US-China Institute (Org.). **Chinese Communist Party Central Committee, "Resolution On Certain Questions In The History Of Our Party Since The Founding Of The People's Republic Of China," June 27, 1981**. Disponível em: <<https://china.usc.edu/chinese-communist-party-central-committee-%E2%80%99Cresolution-certain-questions-history-our-party-founding>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

USHMM (USA). **Anti-Jewish Legislation in Prewar Germany**. [2019]. United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/anti-jewish-legislation-in-prewar-germany>>. Acesso em: 13 out. 2019.

VERNIK, Aleksander. **IOC Vote History**. 2013. Disponível em: <<http://www.aldaver.com/votes.html>>. Acesso em: 12 out. 2019.

VINOKUR, Boris. **How the Russians Break the Olympic Rules**. 1980. The Christian Science Monitor. Disponível em: <<https://www.csmonitor.com/1980/0415/041531.html>>. Acesso em: 14 out. 2019.

VON TUNZELMANN, Alex . **The Shameful Legacy of the Olympic Games**. 2012. The Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/film/2012/jun/14/shameful-legacy-olympics-1936-berlin>>. Acesso em: 13 out. 2019.

WALKER, Alissa. **How L.A.'s 1984 Summer Olympics Became the Most Successful Games Ever**. 2014. Disponível em: <<https://gizmodo.com/how-l-a-s-1984-summer-olympics-became-the-most-success-1516228102>>. Acesso em: 19 out. 2019.

WALSH, S.J., Edmund A. **Total Power: A Footnote to History**. Doubleday & Company, Inc., Garden City, New York: 1949

WALTERS, Donna K. H.. 1984 - A Year of Remarkable Growth for California Companies. **Los Angeles Times**. Los Angeles, p. 2-2. 27 June 1985. Disponível em: <<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1985-06-09-ss-10326-story.html>>. Acesso em: 26 out. 2019.

WANG, Hongying. National Image Building and Chinese Foreign Policy. **China: An International Journal**, [S.L.], v. 1, n. 1, p.46-72, Mar. 2003.

WEBER, Eugen. Pierre de Coubertin and the introduction of organised sport in France. **Journal of Contemporary History**, [S.L.], v. 5, n. 2, p.3-26, Apr. 1970. SAGE Publications.

WEI, Tian. **Deng Yaping: The legacy of the Beijing Summer Olympics lives on.** Apr. 2019. CGTN. Disponível em: <<https://news.cgtn.com/news/3d3d514d7755444f33457a6333566d54/index.html>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

WILSON, Wayne; DERSE, Edward (Ed.). **Doping in Elite Sport: The Politics of Drugs in the Olympic Movement.** Champaign, Il: Human Kinectics Publishers, Inc., 2001. 295 p.

WONG, Alan. **Is China a Democracy? A Long (and Better) Answer.** 2010. Inkstone News. Disponível em: <<https://www.inkstonenews.com/china-translated/china-democracy/article/2163522>>. Acesso em: 05 out. 2019

WOOD, Robert J. **1980 Moscow Medal Tally.** 2019. Topend Sports. Disponível em: <<https://www.topendsports.com/citations.htm>>. Acesso em: 18 out. 2019.

XIAGUANG, Wang. Comitê Central do Partido Comunista da China. **Beijing 2008 Wushu Competition.** 2008. People's Daily Online. Elaborado pela República Popular da China. Disponível em: <<http://2008.people.com.cn/GB/106894/7710227.html>>. Acesso em: 08 out. 2019.

YANZHEN, Luo; LIHANG, Liu (Ed.). **Chinese Player Zhao Qingjian Won the First Men's Knife.** 2008. People's Daily Online. Elaborado pela República Popular da China. Disponível em: <<http://2008.people.com.cn/BIG5/126916/127792/7702621.html>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

ZARNOWSKI, Frank. A Look at Olympic Costs. **International Journal of Olympic History**, Emmitsburg, v. 2, n. 1, p.16-32, 1993. Mount St. Mary's College

ZONG, Xing. Comitê Central do Partido Comunista da China. **Holding the Games Clearly is a Major Marker in China's Emergence as a Global Player**. 2008. People's Daily Online. Elaborado pela República Popular da China. Disponível em: <<http://en.people.cn/90001/90780/91345/6462690.html>>. Acesso em: 03 out. 2019.